

Ano XXXIX - N.º 10

Revista Mensal

2,50 €

Novembro 2023

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



Onde não há sonho,
não há futuro



MENSAGEIRO de SANTO ANTÓNIO

Novembro 2023 | Nº 10 | Ano XXXIX



CAPA

Onde não há
sonho, não há
futuro
*Desolação de um
idoso palestino, face à destruição
de Gaza, 23 outubro 2023. Foto*

EPA/MOHAMMED SABER.

EDITORIAL

Porquê, Senhor?
À atenção dos leitores
Frei Severino Centomo

HOMEM E SOCIEDADE

4 Santos, jovens e santidade
*Maria Clara do Menino Jesus
Fabrizio Bordin*

6 Mundivivências
*Sonhar juntos o futuro
Miguel Panão*

8 Além do sofá
*Imo
Inês Santos, Gonçalo Oliveira*

10 Cotidianos e Orquídeas
*A Eternidade do Tempo
e os Mensageiros de Sonhos
Joana Cavalcanti*

13 Artes e Letras

Cinema

*Moretti para sempre ou a arte
de saber envelhecer
Manuel Monteiro Mendes*

Livros

*História do Repouso
Rui Vasconcelos*

ESPECIAL

**15 Sonho
e renovação - 2**
Frei Severino Centomo (Coord)

IGREJA A CAMINHO

26 Ponto e contraponto
*Alarga a tua tenda (Is 54,2)
Idalino Simões*

28 Traços de uma Presença
*A todas as pessoas
de boa vontade
Juan Ambrosio*

PÁGINAS ANTONIANAS

**30 Coragem, levanta-te!
Vence o medo**
*Tenho medo de ser feliz
Simone Olianti
Elisabetta Benfatto*

33 Memória e Tradição
*O Santo protetor
de Todos os Santos
Pedro Teotónio Pereira*

34 António, hoje
*A penitência criativa
Frei Antonio Ramina*



CONTRACAPA
Deus de Abraão.
**Nascer do sol sobre a
Cidade de Gaza. Foto**
23 de outubro de
2023, EPA/MOHAM-
MED SABER.

DIRETOR

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Fabrizio Bordin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensageiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

Telef: 239 097 984 | 914 272 744

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Digital:	22 €
Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	75 €

Preço avulso: 2,50 €
Números atrasados: 3,50 €

Referência Multibanco

Ver no talão da revista

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4470-116 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior

2500 exemplares



Associado

Porquê, Senhor?

Depois de termos vivido, no verão, a empolgante experiência da Jornada Mundial da Juventude, depois de termos iniciado o novo ano escolar e pastoral com esperança e confiança, depois de nos termos alegrado pelo empenho do Sínodo em caminharmos juntos para a renovação da Igreja, a fim dela ter um rosto mais humano e comprometido pela sua casa comum, eis-nos caídos perante um novo foco de guerra, que pode arrastar o mundo inteiro.

Toda a gente ficou horrorizada pela brutalidade do ataque do Hamas a Israel e pela violência dos combates que se estão a travar na Faixa de Gaza. Porém, não deixa de impressionar a reação que se manifestou por todo o mundo: não um repúdio à violência e às atrocidades da guerra, mas uma sede de vingança e de destruição sobre aqueles que cada qual considera inimigos, deitando assim mais achas na fogueira para que o nosso mundo se transforme num imenso campo de batalha.

Face a tudo isto, sentimo-nos impotentes e perdidos, e lançamos para o Céu um suspiro e um grito: porquê, Senhor? Porquê?

Não sei se o Senhor responderá pessoalmente à nossa pergunta, pois penso que já falou muito através dos profetas e do seu próprio Filho Jesus Cristo; por isso, acho que devemos simplesmente pôr em prática o que o Papa Francisco sugeriu na conclusão da JMJ: Escutar e não temer. Sim, escutar Jesus, porque Ele é o caminho do amor, e não temer, porque Ele já venceu o mundo e continua presente na nossa vida. **M**

Bombardeamentos de Israel sobre o Norte da faixa de Gaza, como resposta aos ataques do Hamas que causaram pelo menos 1400 mortos e mais de 200 reféns. Foto 17 outubro 2023, EPA/MOHAMMED SABER

EDITORIAL

Frei Severino
Centomo



À ATENÇÃO DOS LEITORES

Como já temos vindo comunicar, a revista *Mensageiro de Santo António* concluirá a sua publicação com o próximo número de dezembro, por razões de sustentabilidade da mesma.

Entretanto, sentimo-nos na obrigação de agradecer a todos os leitores e amigos que nos têm manifestado a sua mágoa por esta decisão. A redação da revista partilha com eles o mesmo sentimento, mas reconhece também a situação delicada que a propriedade da revista está a atravessar.

Confiamos na intercessão e na proteção de Santo António. Certamente ele há de contribuir para que tudo o que de bom foi semeado, não se perca, mas renasça oferecendo novas flores e frutos.

A comunidade de Santo António dos Olivais, que desde sempre acolheu e acarinhou os freis e a edição da revista, manterá as portas abertas para receber todos os que invocam Santo António e continuará a lembrar e a rezar por todos os que constituem esta grande Família Antoniiana.

A redação

Frei Fabrizio
Bordin



Maria Clara do Menino Jesus

A JMJ acabou, mas a nossa revista tem, ainda, dois meses para apresentar alguns dos Santos Patronos que ficaram de fora. Pelo menos, a prata da casa, como a Irmã Maria Clara do Menino Jesus que viveu no séc. XIX, uma época muito complicada para a malta jovem que queria consagrar a sua vida a Deus e aos irmãos.

O nome desta mulher não era Maria Clara, mas à boa maneira portuguesa e aristocrática, em conformidade com as suas origens, era bastante comprido e altissonante: Libânia do Carmo Galvão Mexia de Moura Teles e Albuquerque.

Libânia, diríamos hoje, era uma “alfacinha”, tendo nascido a 15 de junho de 1843, na Quinta do Bosque, Amadora, naquela que hoje consideramos a grande periferia metropolitana de Lisboa.

O pai, Nuno Tomás e a mãe Maria da Purificação, no dia 2 de setembro do mesmo ano, levaram a bebé à igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Benfica, para ser batizada.

UMA INFÂNCIA MARCADA PELAS PERDAS

Libânia cresceu numa família nobre e crente. O pai era médico e ocupava-se dos doentes afetados pelas várias Epidemias que dizimavam a cidade de Lisboa. Em maio de 1856, quando tinha apenas 13 anos, Libânia vê morrer a

mãe, vítima de cólera mórbus. No mês de dezembro do ano seguinte morre também o pai, de febre amarela, contagiado pelo

contacto permanente com os doentes. Antes tinha sido a vez do irmão mais velho e do tio-avó.

Podemos imaginar o desconforto e a dor no íntimo desta adolescente que se abre à vida. Estes e outros acontecimentos moldam o seu temperamento. Tornar-se-á uma mulher com espírito enérgico e independente, amadurecendo uma espiritualidade profunda e uma sólida firmeza de carácter. Tudo isto graças à fé e piedade que a família lhe transmitiu e que a ajudaram a enfrentar e superar estas perdas angustiantes. Mais tarde, revivendo estes momentos dolorosos da sua vida, escreve: “A Fé faz operar prodígios”.

Tendo ficado sem pais, Libânia é colocada no Internato da Ajuda, gerido pelas Filhas da Caridade Francesas (conhecidas hoje como as Irmãs de São Vicente de Paulo), destinado a crianças órfãs de famílias nobres. Estamos no final de 1857. Em 1862, há dois acontecimentos que interrompem a estadia de Libânia neste “asilo”: o incêndio no palácio velho da Ajuda, onde se encontravam as meninas órfãs e, logo a seguir, a expulsão de Portugal das religiosas, suas educadoras. A jovem donzela, com 19 anos de idade, é recebida na casa dos Marqueses de Valada, onde ao longo de cinco anos é preparada para enfrentar a vida social, mas em conformidade com os cânones da nobreza.

A DESCOBERTA DA SUA VOCAÇÃO: DO LUXO À POBREZA

Libânia vive em casa da Marquesa de Valada, mimada como uma filha. Nada lhe falta. Aprende tudo o que era necessário para uma vida piedosa e de boas maneiras da alta sociedade. Aquilo que hoje nós etiquetamos de “betinho”.

“Sosseguem!
Deus pensa
em cada um
de nós em
particular!”

Foto Fasfhic
- Família
Secular
Franciscana
Hospitaleira
da Imaculada
Conceição,
<https://fasfhic.eu/>





Mas quando deixa a “família de acolhimento”, Libânia procura algo de novo, em conformidade com um sentimento interior que a puxava a sair ao encontro dos mais necessitados que enchiam pracetas e periferias da cidade de Lisboa.

Em 1867, ingressa como pensionista na Casa de São Patrício, onde viviam as Irmãs Capuchinhas, orientadas pelo padre franciscano, Raimundo dos Anjos Beirão. Depois de dois anos, toma a decisão, e pede para se tornar religiosa: veste o hábito de Capuchinha de Nossa Senhora da Conceição e assume o novo nome, de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

Um ano depois, a 10 de fevereiro de 1870, é enviada para o Convento de Nossa Senhora das Sete Dores, em Lalais, França, para aí fazer o Noviciado e com o projeto de poder fundar mais tarde uma nova Congregação em Portugal. Um ano depois professa, em França, e regressa a Lisboa, criando em São Patrício um Noviciado filial de Calais. Nasce assim a primeira Comunidade das Irmãs Franciscanas Hospitalaieras da Imaculada Conceição e, cinco anos depois, a 27 de Março de 1876, era aprovada pela Santa Sé.

Irmã Maria Clara do Menino Jesus em quase trinta anos de vida religiosa recebeu na sua Congregação cerca de 1000 jovens

mulheres que se consagraram à vida social em Portugal, numa época de profundas transformações sociais e de grande hostilidade para com as ordens religiosas. Inspiradas pela Madre Maria Clara, as irmãs fundaram mais de 142 obras, distribuídas por hospitais, enfermagem ao domicílio, creche, escolas, colégios, assistência a crianças e idosos, cozinhas económicas, etc. Em Portugal e lá fora, da América Latina, à África e Ásia, por onde se estenderam as obras missionárias das Irmãs, há mulheres que consagram a sua existência a cuidar do pobre, do doente, do desvalido com a ternura e a misericórdia de Deus.

A Irmã Maria Clara do Menino Jesus faleceu no convento das Trinas, em Lisboa, no dia 1 de dezembro de 1899. Tinha apenas 56 anos, mas bem preenchidos – da nobreza à pobreza – ví-

tima de doença cardíaca, asma e lesão pulmonar. Uma donzela que não se poupou. Desde 1988, o seu corpo repousa na cripta da Capela da Casa Mãe da Congregação, em Linda-a-Pastora, Queijas.

UMA NOTA FINAL

Tive a graça de estar presente no dia da sua beatificação, a 21 de Maio de 2011, no Estádio do Restelo, numa celebração cheia de coreografias realizadas pelas suas filhas-irmãs vindas dos vários continentes.

Hoje quando nos levantamos, de manhã, a primeira tentação é ver logo se há mensagens ou notificações importantes no telemóvel. A jovem e órfã, Libânia-Maria Clara, não tinha naquela época um iPhone, mas deixou alguns posts que te podem ajudar no teu caminho neste tempo marcado por grandes desafios. 



POSTS DA IRMÃ MARIA CLARA

“O olhar de Deus está poisado sobre nós!”

“O que vem de Deus concorre sempre para o nosso bem!”

“O sol da justiça pode eclipsar-se por um momento, mas é para reaparecer com mais esplendor!”

“Sosseguem! Deus pensa em cada um de nós em particular!”

Sonhar juntos o futuro

Miguel Panão



“O futuro é melhor do
que qualquer passado”.

Teilhard de Chardin

Nas fotos: alunos da escola primária bilingue e binacional, frente ao portão do arco-íris, em Wahat al-Salam / Neve Shalom (Oásis de Paz, em árabe e hebraico).

Wahat al-Salam / Neve Shalom é uma aldeia de palestinianos e judeus dedicada a construir a justiça, a paz e a igualdade no país e na região. Situada equidistante de Jerusalém e Tel Aviv-Jaffa, a comunidade foi criada em 1970 pelo Frei Bruno Hussar O.P., em terras do Mosteiro de Latrun.

É um modelo de igualdade, respeito mútuo e parceria que desafia os padrões existentes de racismo e discriminação, promovendo a paz, a justiça e a reconciliação.

Foto in <https://photos.wasns.org>, Selected Photos, Creative Commons, 2008 e 2010.



O sonho é uma forma de comunicar com as realidades profundas, não fosse essa uma das formas que Deus escolheu e escolhe para comunicar connosco, como fez com S. José. O que sonhamos juntos? Como sonharmos juntos?

Porquê? Será por sermos seres de esperança? Talvez. Mas a ideia que merece consideração poderá ser, também, por sermos seres que sonham. O sonho não é somente o fruto de uma imaginação que dorme e quando acorda, lembra-se das coisas mais estranhas.

Só se comunicarmos entre nós o que visionamos, é que poderá tornar-se realizável qualquer sonho comunitário, pois só sonhando juntos é possível realizar até o que parece impossível.

Em *Sonhemos Juntos* (Planeta, 2020), o Papa Francisco diz que — “A comunicação é muito mais que uma conexão, é muito mais frutuosa quando há vínculos de confiança: comunhão, fraternidade, presença física. (...) Nascemos para estar em contacto. E não somente em conexão”. — Assim, podemos sonhar juntos se estivermos em contacto (não conectados) uns com os outros. Daí a importância da presença recíproca na vivência das nossas comunidades.

Uma sociedade existe quando tem um objectivo comum. Uma comunidade existe quando tem uma vida comum. O caminho comunitário através do qual os contactos suscitam as comunicações que nos levam a sonharmos juntos, é uma peregrinação que se realiza todos os dias, independentemente de estarmos fisicamente juntos ou não.

Muitos de nós, todos os dias, saímos de casa. Se a vivência quotidiana fosse verdadeiramente comunitária, ao sair de casa para fazer seja o que for, somos convidados a nos reconhecermos como peregrinos da vida quotidiana.



Vale-nos o contínuo ressoar do apelo de Jesus — “Não tenhais medo...” (Mt 10, 26) porque, na prática, existe uma pequena confusão: confundimos sonhos com projectos.

O Papa Francisco no Epílogo do *Sonhemos Juntos* escreve que o peregrino é alguém que — “Sai de si mesmo, abre-se a um novo horizonte e, quando volta a casa, já não é o mesmo e, portanto, a sua casa também já não será a mesma”.

Cada pessoa com quem nos cruzamos ao longo do dia oferece-nos um momento de transformação pessoal subtil ou evidente, mas real. Saímos de casa para trabalhar, mas a verdade é que saímos de casa para nos deixarmos transformar pelos relacionamentos quotidianos que nos trazem à existência. Em países de guerra como na Ucrânia e agora, mais acentuadamente, na faixa de Gaza, sempre co-habitaram famílias de ambos os povos que nas notícias pensamos odiarem-se irremediavelmente.



Margaret Karram, actual Presidente do Movimento dos Foculares, é uma católica de origem palestina que na sua infância e juventude, sempre conviveu com famílias israelitas. Por isso, quando durante o Sínodo se pronunciou sobre o sucedido dizia — “Temos imagens coletivas destes dois povos que não correspondem à realidade”. — Terá sonhado com a paz impossível porque a realidade é o drama de guerra veiculado pelos media? Atribui-se a Cristóvão Colombo a frase que — “A vida tem mais imaginação do que a que levamos nos nossos sonhos”. — O que me faz pensar como a vida é tradução mais fiel e universal da possibilidade de sonharmos juntos.

O que sonhamos juntos pode variar mediante as nossas experiências peregrinas pela vida quotidiana. Uns sonham com uma Igreja mais aberta, enquanto outros receiam que Igreja perca com isso a sua identidade. Uns sonham com um mundo mais unido, enquanto outros receiam que o mundo perca com isso a sua diversidade (ainda que isso signifique confundir unidade com uniformidade).

Será que o possível conflito entre os nossos sonhos e os medos nos impede de ir mais longe no nosso caminhar? Vale-nos o contínuo ressoar do apelo de Jesus — “Não tenhais medo...” (Mt 10, 26) porque, na prática, existe uma pequena confusão: confundimos sonhos com projectos.

Aquilo que gera conflito de experiências são os projectos que uns pensam numa direcção, enquanto outros pensam na direcção oposta ou outros ainda pensam não haver direcção possível. Nesses casos, o que podemos projectar juntos? Pouco ou nada. Mas o que podemos sonhar juntos? Tudo!

Do mesmo modo que a imaginação não limita os nossos sonhos, a vida (parece), mas não coloca limites ao que podemos sonhar juntos. Os relacionamentos de contacto que dão vida às nossas comunidades são uma das fontes mais criativas de sonhos que, por vezes, levam tempo a revelar-se e mais ainda a concretizar-se. E como muita da nossa vida se pauta pelos relógios, gradualmente esquecemos que a refeição mais saborosa é aquela em que o cozimento se prolonga para que a confluência de sabores encontre o equilíbrio que faz daquela refeição uma experiência única.

Diz-se que o futuro a Deus pertence, mas quando sonhamos juntos o futuro, será que Deus revela como não quer possuir o futuro, mas criar connosco o futuro impensável? Só precisa de corações abertos. **M**

Inês Santos



Gonçalo Oliveira



O perdão
vem de Deus.
É por isso
que temos de
viajar até ao
nosso imo
para encon-
trar Deus
e o perdão
ao outro.
Porque
perdoar
é ligar.

*Templo de Júpiter,
Terracina, Itália.
Foto MSA 2022.*

Imo

Questão. Numa caça ao tesouro, em que o tesouro é Deus, onde O vais encontrar? Dirás, “primeiro preciso de um mapa para o procurar”. Errado não está, mas inteiramente certo, também não. Como pode um tesouro tão resplandecente, não ser visível aos nossos olhos? A relíquia mais bela e deliciosa que traz luz à nossa vida. Estaremos cegos? Ou será que temos o nosso GPS interior avariado? Jesus mostrou-nos o mapa até Ele.

O problema é que cada um está a ler o mapa, não ao seu lado, mas de todos os outros infinitos ângulos. Os mais agudos, veem melhor, mas os mais obtusos estão a ler tudo do avesso. Isto traz-nos a uma segunda questão: a que ângulo (entenda-se distância) estamos de compreender o mapa de Jesus? Um problema que se impõe sobre outro, num encadeamento de questões. Não basta ter o mapa. É preciso saber lê-lo. Para encontrar Deus devemos aproximar-nos de Jesus. Só ao seu lado, na mesma perspetiva dos seus olhos, podemos vê-Lo. Este é um dilema de reflexão profunda. Daqueles que decorre numa vida.

A palavra *imo* significa *o que está no lugar mais profundo/intimo*. Queremos acreditar que, no nosso imo, está Deus. A nossa intimidade é singular e, ao mesmo tempo, plural com Ele. O mapa que Jesus nos mostra não é bidimensional (2D), confinado num plano. Estende-se por uma infinidade de dimensões, que trazem profundidade e tempo. Profundidade essa que vai do nosso imo ao outro infinitesimal. Por isso, dizemos que Deus é infinito e onnipotente. A Sua extensão é mais vasta que o nosso ser, mas abrange-nos, também. Liga-nos. Faz-nos parte do Seu reino.

A serenidade é um estado que nos permite chegar ao imo. Filtra todos os ruídos que possam abafar o batimento cardíaco. Ficamos mais calmos e atentos. A serenidade leva-nos à paz. À paz interior e com o próximo. Torna-nos empáticos, justos, não indiferentes. Permite que se atinja um estado de equilíbrio. Um entendimento e apoio comum. A serenidade ajuda-nos a amar, porque permite sintonizar batimentos cardíacos. Ajuda-nos, também, a compreender que tudo o resto se torna relativo se orbitarmos em torno de Deus, se muito amarmos, por muito seremos perdoados (Lucas 7:49). Para amar é preciso saber perdoar.

Portanto, se muito perdoarmos, por muito sermos perdoados, não é moeda de troca, da mesma proporção ou esfera! O perdão vem de um sentimento puro, não do nosso interesse. O perdão vem de Deus. E é por isso que temos de viajar até ao nosso imo para encontrar Deus e o perdão ao outro. Porque perdoar é ligar. E se acreditamos que Deus liga os nossos imos, então devemos acreditar no perdão. Este é o alicerce da nossa ação e vida como cristãos.

Continuamos em tempo de guerra e conflito no mundo. Em círculos de vingança e maltratos. Pessoas empederni-

das que sentem que têm a putativa razão para magoar os outros. O ódio que brota é venenoso e corrosivo.

Dedicamos, este último parágrafo, à oração pelos corações duros, sem batimento, nem serenidade. Que eles encontrem arrependimento profundo e procurem perdão. Que se convertam ao amor de Deus, pelo próximo. Que Deus proteja os mais fracos, as vítimas, os inocentes, aqueles cuja vida foi colocada entre arame farpado. **Ámen.** **M**



AS SEMENTES QUE O MENSAGEIRO DEIXA

Foi com grande tristeza que recebemos a notícia de que a Revista “Mensagem de Santo António” termina. Quanto ao crédito a meu favor, ofereço-o para ajudar as dívidas acumuladas da Revista, pois bem merecem todo o nosso apoio. Que Santo António vos compense e continue a abençoar e a todos os que colaboram tão sabiamente nesta prestigiosa Revista que muito nos elucidou e proporcionou belas horas de leitura. *António Ferreira e Rosalina*

Fui assinante do MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO há tantos anos.... que lhe perdi o conto. É com imensa pena e desgosto, mas sei das vossas dificuldades. *Maria Isabel*

É com o coração dilacerado que ao receber a vossa carta me apercebi de que vão deixar de escrever a revista *Mensagem de Santo António*, eu se pudesse ajudar faria de coração, mas infelizmente não posso porque vivo de uma reforma pequena, lamento profundamente o sucedido e não quero de maneira alguma nenhum tipo de reembolso, só vos desejo muita saúde e Paz. *Maria Violante*

Obrigado, pela vossa amável carta, com a trezena de S. António, incluída, que também agradeço: Sim, é triste a suspensão da publicação da “nossa” revista, mas continuamos sempre com a presença de Santo António! Em breve, enviarei também uma pequena ajuda para os fins propostos, na carta, ou outros mais necessários. *Pedro Luís*

É já com sentimento de profunda saudade que escrevo estas linhas. Acabo de receber o calendário Antoniano que deverá acompanhar-nos durante o ano de 2024! Precioso! Já pensei: vou reler todas as revistas que guardo religiosamente, desde 1983. Sei que aí encontrarei conteúdos sempre atuais porque verdades eternas. Muito grata por tudo e a todos os que colaboraram em tão importante trabalho. Bem hajam! A todos, os meus parabéns e solidariedade nesta hora, por certo bastante difícil. Ânimo! Santo António ficará connosco! *Maria Eugénia*

Foi com muito pesar que tomei conhecimento que a revista Mensageiro de Santo António ia terminar a sua edição no próximo mês de dezembro. Lamento muito pois era sempre com muito gosto que recebia o Mensageiro e me enriquecia com a leitura dos seus artigos. Fico mais pobre. *Fernando*

Foi um prazer receber e ler a vossa revista “Mensagem de Stº António” ao longo dos anos. Artigos sempre actuais e chamando a atenção para os diferentes problemas do Mundo, do ponto de vista religioso e também cultural. Estou certa que a vossa voz continuará a ser divulgada de muitas outras formas. *Cesária*

O nosso bem haja a todos os leitores

A Eternidade do Tempo e os Mensageiros de Sonhos

Aos que desaprenderam a sonhar.
Aos que nunca desistem dos seus sonhos,
aqui representados por Elizabeth Fonseca.

Joana Cavalcanti



Onde não há sonho, não há futuro. Eu pensei bastante naquilo que aquela mulher, entre a tristeza e a melancolia, me avisava – “o futuro deixa de existir quando os sonhos acabam”.



Naquele dia, chovia muito e o tempo se estendia em preguiçosa nostalgia. Tenho por hábito, logo cedo, verificar se a minha vizinha está à beira da janela. Faça sol ou chuva, eu conto com a sua presença distante nas primeiras horas da manhã. Abri as cortinas para olhar as minhas orquídeas e vi que havia um ramo a florir em exuberância sofisticada. Lá estavam orquídeas de um amarelo-sol, salpicadas de vermelho-vinho, muito pequenas e perfeitas. Levantei os olhos para ver a chuva abrir caminhos sobre o vidro da janela e o gesto fez-me alongar o olhar, levando-me à janela da vizinha.

É uma senhora com bastante idade, com quem falei poucas vezes, observando-a todos os dias. Sei que é estrangeira e chegou para viver por cá há mais de cinquenta anos. Vive sozinha com o seu gato e passa grande parte do tempo à janela. Vai à rua raramente. Ao olhá-la eu percebi que estava mais melancólica do que o habitual, parecia triste e isolada.

Uma vez, ela disse-me que o futuro já havia passado. Tudo que era desejo já não existia e o futuro é uma caixa de surpresas, nem sempre instigantes.

Quando não há desejo, não há sonho. Onde não há sonho, não há futuro.

Eu pensei bastante naquilo que aquela mulher, entre a tristeza e a melancolia, me avisava – “o futuro deixa de existir quando os sonhos acabam”.

No momento, em que eu vi a vizinha na janela, dei-me conta do seu olhar a varar a chuva. Ela parecia não estar ali. Não posso afirmar que havia tristeza, melancolia ou distância, apenas que havia um profundo mergulho no nada. Lembrei-me da nossa conversa e voltei a refletir sobre o que ela havia me dito sobre o desejo. Sobre o futuro. Neste futuro feito de tempo que se sonhou, restam as histórias e a constatação feita de saber se fomos felizes ou não... se realizamos os nossos pequenos e grandes sonhos. Se fomos capazes de protagonizar o elenco que existe em nós, em todas as dimensões da vida.

A vida sonhada foi possível na história contada? A minha narrativa se compõe de conquistas, surpresas, dores pequenas e grandes, amores e desamores, alegrias? O que fiz da minha história foi a partir daquilo que um dia sonhei? O que sonho eu agora, no futuro que já se foi? Tenho tempo de voltar atrás para rebobinar a minha vida e sonhar outros sonhos?

De repente, numa espécie de susto, apercebi-me que a vizinha me olhava diretamente. Como a chuva havia abrandado, abri um pouco a janela. A mulher repetiu meu gesto, muito intencionalmente.

Fotos MSA, 2023



Eu a cumprimentei: – Olá vizinha! Como está a senhora? Viu que lindas orquídeas floresceram deste lado de cá? Ela respondeu-me com objetividade: – Bom dia menina. Só há orquídeas desse lado. Por cá, chove numa floreira velha e vazia, sem flores. Sem pássaros. Só chuva.

Aquela mulher não estava bem e preocupei-me porque, embora ela vivesse naquela moradia há muitos anos, nunca a vi conversar ou receber alguém. Sabia que era estrangeira e havia fugi-

do da guerra e a arquitetura da sua alma era o desgosto. Para além dela, só o gato resistia ao tempo dentro daquela história.

Acrescentou que a sua moradia sobrevivia na eternidade da sua infância. Nas memórias que um dia foram futuro. Mas o tempo passou e o futuro se realizou, sem que ela desse conta. Falou-me dos pais e avós, da vida na aldeia longínqua, do fogo aceso durante os serões da família, do frio avassalador que se instalava na casa de pedra, dos irmãos... tudo era passado, somente a guerra persistia.

– Nasci na guerra. Quando eu era criança achava que a guerra era a condição vivida por todos. Somente a guerra atravessava o tempo. Ora com grandes intervalos, ora sendo constante e devastando tudo que existia. Sem perdão. É por isso que estou aqui e nunca mais vi ninguém. Mas sempre sonhei em rever alguém que me pudesse devolver a família, a casa, o tempo e o fogo aceso. Agora não sonho. Tudo já foi vivido e contado. Resta-me esta janela e o meu gato. Queria rever a minha mãe, o meu pai e irmãos... – Disse-me a senhora, onde já não havia tristeza ou melancolia. Existia somente constatação.

Eu disse-lhe que se fosse necessário, quando precisasse de mim, estendesse uma toalha na janela. Seria um sinal de que

algo se passava e eu deveria ir até lá. Durante muitos dias, após o período de chuvas, eu não vi a vizinha à beira da janela. Considerei estranho, mas como não se via nenhuma toalha, entendi que a mulher tivesse mudado os horários de ir à janela, ou estivesse distraída com o seu gato... não sabia muito o que pensar.

Ontem, ao final da tarde, vi uma jovem alta e magra a tocar a campainha da casa da vizinha. Estava vestida com roupas muito simples e trazia um velho casaco preto. Além das roupas, tinha uma mala pequenina de cartão e um jarro com flores brancas. Parecia cansada. Depois de algum tempo, a senhora abriu-lhe a porta. Vi que se abraçaram longamente e a vizinha chorou. Depois entraram. Foi a primeira vez que vi alguém entrar naquela moradia.

No outro dia, mal acordei, fui à janela e para a minha surpresa lá estava uma toalha estendida sobre o parapeito. Fiquei surpreendida e fui até a casa da vizinha para saber o que se passava. A jovem morena, esguia e sem falar português, abriu-me a porta com um sorriso desconfiado. Entrei e lá, sentada num cadeirão verde-escuro, estava a minha amiga, da qual eu nem sabia o nome. A casa estava iluminada e flores brancas se erguiam vitoriosas na velha floreira.

**Na guerra não há vencedores. Só há perdidos.
Logo, conseguir sair de uma guerra exige
muita capacidade para sonhar e continuar a sonhar.**

– Colocou a toalha. Precisa de mim? – Perguntei-lhe.

– Não preciso de si. Preciso de que me ajude a rebobinar a minha história. Ontem o sonho entrou porta adentro, fugiu da guerra e do medo, trazendo flores e um álbum de fotografias. Trouxe-me pedacinhos da minha história sonhada e eu descobri que existem mensageiros de sonhos. – Respondeu-me a vizinha.

Depois, numa longa conversa que se alongou pelo dia, contou-me a sua história. Aquela jovem era a sua sobrinha-neta que conseguiu fugir da guerra e bater à sua porta para pedir-lhe ajuda. Trazia consigo quase nada, mas estendeu-lhe as mãos, nas quais carregava um bocado de sonho e o desejo de que a sua velha tia a ajudasse a superar as perdas e reconstruir a vida. Tudo que pedia era ajuda para continuar a sonhar o seu sonho, o futuro feliz e sem medo. Mas não sabia ela que, ao entrar naquela casa, salvava a história da sua velha tia, devolvendo-lhe mais do que memórias, a capacidade de sonhar.

Eu aprendi que enquanto houver vida, haverá uma história para se sonhar. Um querer para se desejar e muitos mensageiros de sonhos, surgidos de outras histórias e a precisar de uma porta aberta para entrar e iluminar os dias de quem desapareceu a sonhar.

Interessantemente, aquela senhora me chamou para informar que havia reformulado as suas ideias sobre o tempo, pois em todos os finais existe um novo princípio. Na guerra não há vencedores. Só há perdidos. Logo, conseguir sair de uma guerra exige muita capacidade para sonhar e continuar a sonhar.

Outro dia, na frutaria que fica ao final da rua, encontrei a minha vizinha e sua sobrinha. Esta já fala português, inscreveu-se na faculdade e conseguiu integrar-se num grupo de jovens que visita pessoas que perderam os seus sonhos. A vizinha disse-me que está a reconstruir a velha floreira e sonha em plantar flores coloridas e fazer uma bela viagem com a sua sobrinha. Perguntou-me se eu ficava com o gato, pois não queria deixá-lo a vaguear pelas ruas. Convidou-me para um chá ao final do dia e sorriu-me com os olhos. Quanto à jovem, continua a acordar pessoas para fazê-las sonhar. Se acreditas na reconstrução do mundo e da paz, junta-te ao grupo de mensageiros de sonhos e bate à porta de alguém que desaprendeu esta arte ou ofício. Sim, sonhar é ofício divinamente humano.

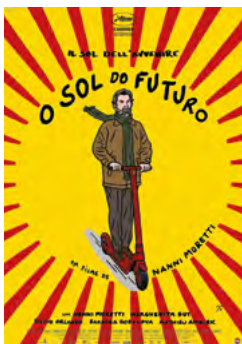
E tu, sonhas qual sonho? Como diz António Gedeão:

*Eles não sabem que o sonho
É uma constante da vida
Tão concreta e definida
Como outra coisa qualquer
(...)*

*Eles não sabem nem sonham
Que o sonho comanda a vida
E que sempre que o homem sonha
O mundo pula e avança
Como bola colorida
Entre as mãos de uma criança*

Pedra Filosofal, in *Movimento Perpétuo*, 1956





Moretti para sempre ou a arte de saber envelhecer

CINEMA

Manuel Monteiro
Mendes



Desde o meu ‘primeiro’ Moretti (*Querido Diário*) – e não os vi todos – que fiquei amarrado a esta maneira ‘minimalista e palavrosa’ de fazer cinema; àquelas circum-reflexões repetidas, como quem procura encontrar – obsessivamente – uma saída. Para o futuro. Seja ele mais pessoal, familiar ou político.

Percebemos, desde logo, que este *O Sol do Futuro* regressa ao passado para nos deixar – com uma nostalgia nunca disfarçada – um caminho para diante, magnificamente significado naquela ‘procissão’ final carregada de esperança.

Giovanni (o nome próprio de Moretti, Nanni é o diminutivo) é um realizador um pouco bloqueado (também pela falta de financiamento) para fazer o filme que tem em mãos. Estamos em 1956, quando toda a gente estava suspensa da resposta que a União Soviética iria dar à revolta acontecida na Hungria, e Giovanni está num bairro popular, na importante célula comunista local, no momento em que esse bairro passa a ter luz elétrica.

As perguntas que estão por detrás deste *O Sol do Futuro* (e às quais Moretti já se esforçou por responder, por exemplo, em *Palombella Rossa* – onde aparecia reiteradamente a pergunta “o que é ser comunista?”) tentam imaginar como poderia ter sido diferente a vida dos italianos se o dirigente do Partido Comunista Italiano da altura tivesse sido capaz de romper com a União Soviética.

Moretti sabe, como nós sabemos, que é impossível responder a essas perguntas. Ainda assim vai andar à volta delas, angustiado, ‘misturando’ o argumento do filme com as dificuldades do realizador. E vai reescrever a História. A ficção permite essa ousadia.

Tudo isto feito ‘a la Moretti’, quer dizer, com muita ironia, muito sarcasmo, muito humor, muita rezinguice e rabugice, e muitas, muitas palavras. No fundo, trata-se de um filme que, situando-se no passado, o que quer questionar e entender é o presente do mundo, da sociedade e, também, do cinema.

É um filme sobre um momento de crise da identidade comunista, bem entendido, que dividiu quem condenava a agressão da URSS e quem não ousava quebrar a lealdade. Da mesma maneira que ‘O Sol do Futuro’ é um filme sobre a crise de um cineasta, que, perante as novas lógicas de produção, e perante um argumento que a certa altura começa a misturar-se com a vida (a política versus o amor, etc.), não sabe que posição tomar.

Inês N. Lourenço, DN, 28 de setembro de 2023

No fundo, “O Sol do Futuro” é a história de um homem que aceita a idade que tem e que segue a sua estrada. Não perde a verve e a paixão. Nem vende a alma.

Francisco Ferreira, *Revista do Expresso*,
29/09/2023

E isso, convenhamos, não é coisa pouca... 



O Sol do Futuro, Nanni Moretti,
Comédia Dramática,
M/12, 2023, IT/FRA

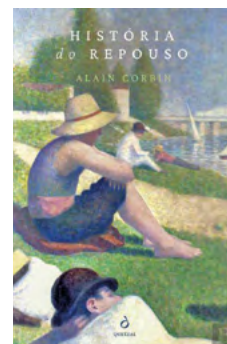
Mas quando tudo parecia sem saída, o realizador consegue o financiamento e vai alterar tudo, o argumento e a História, uma espécie de *happy end*: *O Sol do Futuro*.

Rui Pedro
Vasconcelos



«No fim do século XVI, Montaigne aborda várias vezes este tema e sublinha que há um momento em que nos devemos retirar para descansar: “Vivemos que baste para os outros; vivamos para nós, pelo menos no nosso final da vida. Orientemos para nós e para o nosso bem-estar os nossos pensamentos e intenções”. “As nossas forças abandonam-nos; poupemo-las e concentremo-las em nós”». (p. 35).

Obra: ***História do Repouso***
 Autor: **Alain Corbin**
 Edição: *Quetzal*
 Páginas: 136



O historiador francês Alain Corbin (Normandia, 1936) dedicou o seu percurso de investigação ao levantamento de uma dimensão dos estudos históricos habitualmente secundarizada: não a história das grandes datas e dos líderes, mas a história do quotidiano, das representações e dos estilos de vida.

Especializando-se no período moderno (séculos XVII a XIX), Corbin expõe neste livro, numa linguagem acessível, o modo como o tema do repouso esteve presente no pensamento, na literatura (sobretudo a oriunda do espaço do autor, a francófona) e nas artes. A conclusão, a par do tema do livro, é assim delineada desde o início:

As definições e as figuras do repouso não deixaram de evoluir ao longo dos séculos e, na maioria das vezes, de se entrelaçar, sobrepor, confrontar (...) O nosso objetivo é permitir ao leitor compreender a verdadeira noção de repouso dos nossos antepassados e experimentar a vertigem do ser que o caracterizava (p. 10).

Desde a teologia bíblica do *Sabbath*, o descanso de Deus ao sétimo dia da Criação, até à espiritualidade da oração de quietude dos místicos modernos (João da Cruz e Teresa de Ávila), Corbin não receia em indicar como a matriz cristã influenciou a alternância entre trabalho e descanso que caracterizam a sociedade europeia até à Revolução Industrial. O repouso, longe de ser um intervalo para produzir melhor (como pretende a sociedade da produção e do consumo), é

um tempo ativo, de profunda humanização, o que implica não confundir com um tempo de ativismo lúdico. O descanso é na atualidade substituído pelo lazer ou diversão, que é em si uma indústria sujeita às leis da procura e da oferta, e que mantém a pessoa num processo contínuo de estimulação. Mas é apenas no ócio, na suspensão deste contínuo, que tem lugar a qualidade das relações, a gratuidade do encontro, a possibilidade de brotar uma intuição artística.

Este não é um livro de autoajuda ou de espiritualidade: a leitora ou o leitor que com ele se encontrem terão diante de si um itinerário a percorrer entre a literatura, a cultura e a arte, ao nível dos pergaminhos intelectuais do Autor. Se do repouso se fala, é do repouso que não se afunda no pesado sofá da televisão ou nos ecrãs das redes sociais. Descobre-se um filão que liga a tradição judaica, as festas medievais, o domingo cristão e a arte de Van Gogh. O repouso não é passivo, mas permeado por um propósito, ainda que não por uma produtividade. Envolve o tempo e o espaço, a relação com a natureza, a aceitação da fragilidade das relações, a lentidão do pensar e do agir. E ainda que a contemporaneidade compreenda, em várias fontes de discursos, a importância desta lentidão humanizante, Alain Corbin devolve-nos a sabedoria dos antigos, dos pensadores, poetas e ensaístas que, a seu tempo, perceberam como, no final, o repouso é o que nos torna humanos. **M**

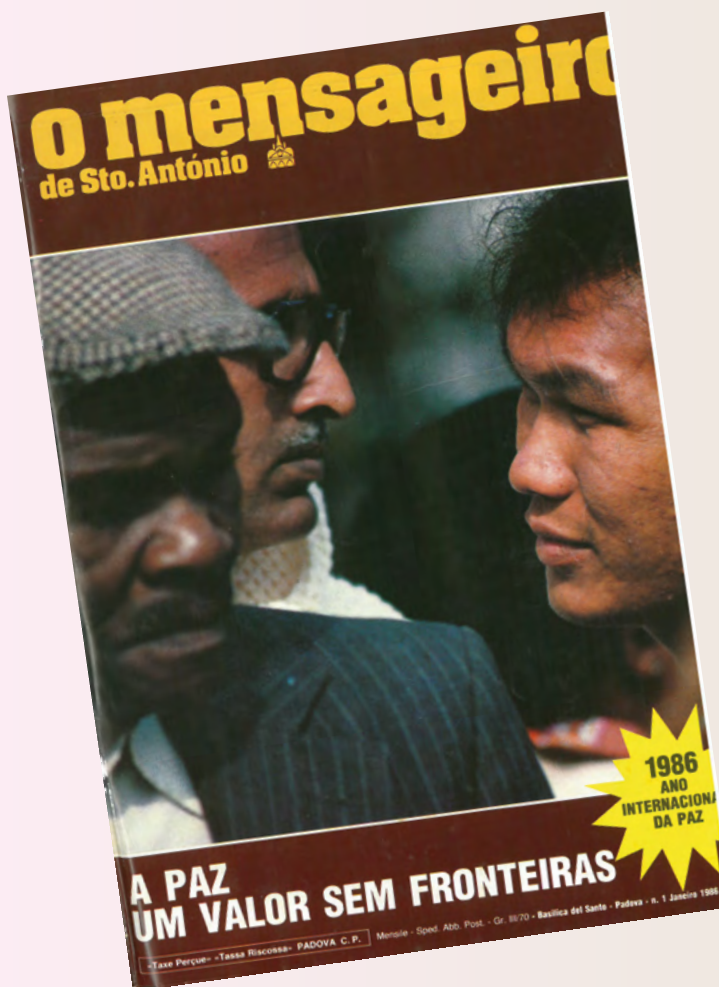


Sonho e Renovação 2

Neste “Especial”, damos continuação à recolha de artigos que, ao longo de cerca quarenta anos marcaram a história da nossa revista, tornando-a significativa, quer no âmbito eclesial, quer na comunicação social do nosso País. No Especial anterior (julho/agosto) focamos as áreas Sociopolítica e Eclesial, desta vez abordaremos as áreas: Evangelização - Catequese, Antoniana e Cultural.

O Mensageiro de Santo António, ao terminar as suas publicações com o próximo número de dezembro, quer deixar na memória um período fecundo e significativo no qual foi participante comprometido quer no nosso país, quer nos países de expressão portuguesa, sem esquecer as comunidades emigrantes. A marca incisiva e atual dos artigos que revisitamos revela a qualidade dos colaboradores da revista que, desde o seu início, grangeou o apreço dos leitores.

Frei Severino Centomo (coordenação)





EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE

Importa destacar o grande empenho que a Igreja portuguesa colocou para que a fé dos seus fiéis crescesse em sabedoria e no empenho concreto. Para isto, contribuiu notavelmente a rubrica “Crescer na Fé”. O caminho da fé passa, necessariamente, pela inculturação com a sociedade onde ela é proposta. Há a destacar, também, a experiência concreta de catequese catecumenal, que o nosso colaborador Pe. Arlindo de Magalhães, recentemente falecido, levou para a frente na Comunidade da Serra do Pilar, em Gaia, Porto.

1. CRESCER NA FÉ

A rubrica “Crescer na Fé” tornou-se uma contribuição consistente da nossa revista para a atuação do Concílio Vaticano II na Igreja portuguesa. A primeira preocupação foi dar a conhecer o Espírito que caracterizou o Concílio e os Documentos que dele saíram. Um dos amigos e colaboradores do Mensageiro de Santo António foi o Pe. Manuel Pelino, que iria tornar-se Bispo auxiliar do Porto e, depois, Bispo de Santarém.

“Passados vinte anos do Concílio Vaticano II aparecem várias iniciativas para conhecer e levar à prática este concílio. Ele veio realmente provocar na Igreja um movimento de renovação vasto e profundo, não facilmente apreendido de imediato. Talvez, passados estes anos, estejamos mais capazes de uma compreensão de conjunto.

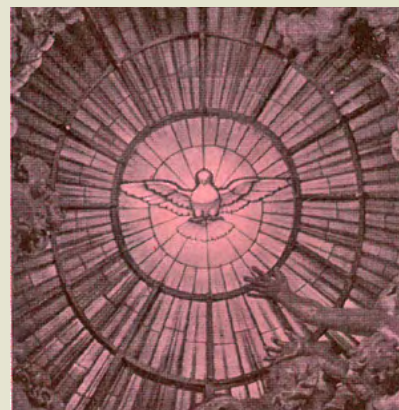
Esta compreensão de conjunto torna-se hoje muito necessária. Por um lado, pelas interpretações parciais ou aproveitamentos tendenciosos que, por vezes, se fizeram do concílio. Por outro lado, pela dificuldade que os principais agentes da pastoral – clérigos ou leigos – experimentam em conseguir uma síntese prática do concílio que leva a uma pastoral renovada.

Assim compreendemos o esforço da Igreja atual em acertar o passo com o Concílio Vaticano II. Deste esforço fazem eco os bispos portugueses, na sua última carta pastoral, ao afirmar, dirigindo-se a todos os estados de vida cristã do Povo de Deus: «Podemos verificar como partilhais connosco a preocupação de ver a Igreja em Portugal sintonizada com o Concílio Vaticano II».

Não é fácil, porém, o acesso direto e a compreensão dos documentos conciliares. Apresentam um espírito novo e um caminho novo para os quais nem sempre estamos apetrechados. Ser-nos-á necessário um guia de leitura. Neste sentido, o «Mensageiro de Santo António» vai oferecer-vos uma valiosa ajuda”.

Manuel Pelino, abril de 1986

O CONCÍLIO VATICANO II: ESSA INESPERADA LUFADA DE AR PURO



Quando
o Papa João XXIII
anunciou o concílio,
não imaginava como iria
terminar, «arriscou»,
sabendo ter do seu lado
o Espírito Santo ...

*Os padres conciliares
dirigindo-se para São Pedro
e uma representação
do Espírito Santo,
o grande protagonista do concílio.*



2. INCULTURAÇÃO: TAREFA EVANGELIZADORA

“Estamos, de facto, «na época da inculturação». A questão vem sendo exaustivamente debatida em encontros, congressos, seminários, artigos, números inteiros de revistas, livros. A inculturação pode mesmo ser considerada uma encruzilhada de múltiplos temas e reflexões teológicas, tais como: relação entre religião e culturas (tradicionais, primitivas e/ou modernas), ecumenismo, especificidade do cristianismo, teologia da missão, relação Igreja universal – Igrejas particulares, etc. Paralelamente, e porque não se trate de temática que possibilite apenas uma abordagem abstrata, a Igreja via-se confrontando, no seu dia a dia, com os problemas resultantes da evangelização em culturas particulares (também em subculturas), onde já se torna impensável impor a fé cristã pela violência, mas onde não desapareceram os choques violentos de universos culturais tradicionalmente distintos.

Que vem a ser, afinal, inculturação? Definições há muitas... Mas podemos dizer que ela se refere à encarnação

da vida e mensagem cristã numa área cultural concreta, de modo que esta experiência da fé na cultura seja algo de profundo e não meramente superficial, contribuindo assim para uma «nova criação», isto é, uma nova cultura e um homem novo. É, no fundo, um diálogo da fé com cada cultura particular, seja esta uma cultura africana, asiática ou uma cultura europeia moderna, profundamente secularizada.

(...)

Haveria que concluir que, duma profunda inculturação do evangelho, depende em muito a verdade e o crescimento da Igreja. Só da verdadeira inculturação da fé poderão desabrochar as riquezas de inúmeras igrejas particulares que apenas estão a nascer, assim como dela depende a transmissão do cristianismo às gerações seguintes nos lugares de crescente secularização. Para que nenhum espaço cultural seja estranho ou indiferente ao Evangelho, tem a Igreja que não se alhear de qualquer cultura”.

Frei José Nunes, Maio de 1987



3. A COMUNIDADE DA SERRA DO PILAR: UMA EXPERIÊNCIA DE CATECUMENATO

O iniciador e animador da Comunidade Cristã da Serra do Pilar, Pe. Arlindo Magalhães, foi amigo e colaborador por largos anos do Mensageiro de Santo António. A irmã morte levou-o consigo em meados de janeiro de 2023, depois de ter vivido com pessoas amigas, um dia de grande alegria em Amarante, por ocasião de uma publicação sobre S. Gonçalo, padroeiro daquela terra.

UM GRANDE ESPAÇO DE CELEBRAÇÃO ABERTO AOS CRISTÃOS DA DIÁSPORA

“O catecumenato, a qualidade da liturgia e a irradiação cultural e social fizeram da Comunidade Cristã da Serra do Pilar um caso na Igreja do Porto e até no plano nacional. Carecidos, como andamos, de testemunhos vivos da experiência cristã, torna-se importante divulgar caminhos já andados, que se mostram inovadores e desbravadores do futuro. Por isso, aqui apresentamos os passos de uma Comunidade que leva já mais de dez anos de História”.

Tudo começo quando o Capelão da igreja da Serra do Pilar, nomeado pelo Bispo, D. António Ferreira Gomes, tomou posse em finais de 1974. Com 30 anos de idade, marcado pelas perspectivas do Vaticano II e por uma experiência muito rica de reflexão e de diálogo com as grandes questões do nosso tempo, o novo capelão traçou a sua estratégia de ação pastoral: “*haveria que «investir» fortemente na liturgia» e pôr em prática uma pregação da Palavra muito querigmática, muito directa e simples, que tocasse fundo na vida das pessoas.*

Os mais «sedentos» começaram a interessar-se e a congregar-se, aos primeiros sinais de mudança. O primeiro ponto alto desta fase de arranque - a que o padre Arlindo chama «*limpar o rosto de Igreja*» - foi, segundo ele, a Páscoa de 1975: aí, «as pessoas ficaram deslumbradas com a

Igreja em caminho

COMUNIDADE CRISTÃ DA SERRA DO PILAR



riqueza dos gestos, dos símbolos e da Palavra. Era alguma coisa de novo que se revelava».

(...)

A comunidade ia-se construindo. Tudo girava à volta da celebração dominical das 11 horas. De entre a massa de várias centenas de pessoas de todas as idades e condições sociais, que nela participava, foi-se gerando um grupo que manifestava a necessidade de esclarecer e aprofundar os fundamentos da sua fé. Ora, aconteceu estar-se a seguir nesse ano a leitura do Evangelho de Marcos, o mais simples e direto dos Quatro Evangelhos. O grupo começou a reunir-se para fazer uma iniciação a essa narrativa. E foi assim, com este pretexto, que nasceu o catecumenato na Serra do Pilar. Sem especiais modelos a imitar, partindo das necessidades e questões das pessoas concretas - várias delas com formação escolar e cultural muito reduzida e outras analfabetas - foi assim que nasceu essa instituição que é hoje uma verdadeira escola de fé.

Entendido o catecumenato não como uma formação escolarística e académica, mas como uma iniciação a uma fé adulta e comprometida, facilmente se compreende que ele não pudesse verdadeiramente existir fora, ou à revelia, da comunidade e, nomeadamente da sua vida sacramental, com destaque para a Eucaristia.

Redescoberto o ciclo litúrgico - com os seus tempos fortes e tempos «comuns» - não espanta que toda a liturgia passasse a ter como referência a Páscoa e o tempo pascal. Assim como não admira que fosse na festa da Ressurreição que, ao longo dos anos, tenham surgido alguns docu-



mentos que passaram a ser autênticos marcos na história da Serra.

Na Páscoa de 76, é publicada, por assim dizer, a sua carta de identidade. Intitula-se ela: «*Somos um povo a caminho, chamado à liberdade, convocado para a libertação*».

Manuel Pinto, maio de 1987

ANTONIO VIVO

Sendo a própria figura de Santo António a “definir” a revista, é claro que a nossa preocupação foi não só falar do santo e propor mais uma publicação devocional, mas o que nos inspirou foi o mesmo “fogo evangélico” que orientou a sua vida e a sua pregação.

1. Ó MEU RICO (E POBRE) SANTO ANTÓNIO

Na altura dos Santos, ditos, populares, Santo António ocupa um lugar de destaque, sobretudo na cidade que o viu nascer: Lisboa. E é nessa altura que se vêem e lêem sobre este santo as coisas mais engraçadas e características. Como esta, por exemplo, retirada dum jornal dos mais vendidos em Lisboa: «Hoje, o culto a Santo António continua vivo.

Em Pádua é essencialmente igrejeiro; em Lisboa, popular, porque o santo faz aparecer objectos perdidos e é o advogado dos bons casamentos» ..

Realmente Santo António pode regozijar-se pelo culto universal que desfruta; mas... pobre Santo António! Dividido entre «igrejeiro» e «popular» e ainda equiparado a um detector de objectos perdidos e fiador de casamentos... Não sei se Santo António tinha a ambição de chegar à posição que muitos hoje lhe atribuem. Em todo o caso uma coisa é certa: nunca se queixou das estranhezas que lhe são atribuídas.

Isto realça mais uma vez a sua «humildade gloriosa» e a sua sabedoria evangélica. Na verdade, a sua maestria pedagógica sempre o levou a respeitar as ideias e a caminhada de vida das pessoas e, ao mesmo tempo, a proporcionar-lhes etapas mais esclarecidas e certas.

Para já ele nunca fez questão de bairrismos e nacionalismos (quer na sociedade quer na igreja); poderíamos até dizer que foi um verdadeiro europeu comunitário, que não necessitou de particulares tratados e acordos para se entender com toda a gente.

Em segundo lugar, o que lhe interessou mais foi a vida do homem, do homem concreto e real. A sua preocupação (que aliás foi a mesma do seu Mestre: J. Cristo) foi que todos chegassem à Verdade e fossem salvos. Na sua pregação, sempre procurou esclarecer o facto de que a nossa vida está nas mãos do Senhor, e por isso temos que vivê-la com confiança (tudo é possível a Deus), com esperança (sempre podemos chegar à Vida) e com amor (quem dá, receberá o centuplo).

Ser devoto de Santo António não é simplesmente acender uma vela junto da sua imagem, fazer promessas ou lembrar-se dele nalguns momentos particulares. E, sim, comungar do seu ideal de vida e tentar realizá-lo nos nossos dias.

É viver a unidade entre pessoas e povos.

É viver uma vida simples e penitente para que outros não sofram fome.

É viver com humildade e paciência para não dar largas ao espírito do poder que leva à exploração e à injustiça.

É viver na presença constante de Deus, que enche e preenche toda a nossa vida”.

*Frei Severino Centomo,
Editorial de
setembro de 1985*





2. SANTO ANTÓNIO NA CULTURA POPULAR

Dos três santos ditos *populares* - S. Pedro, S. João e Santo António - creio poder afirmar, sem correr o risco de ser acusado de chauvinismo ou oportunismo (por estar a afirmá-lo no Mensageiro) que é a Santo António que cabe a primazia. É ele o mais popular.

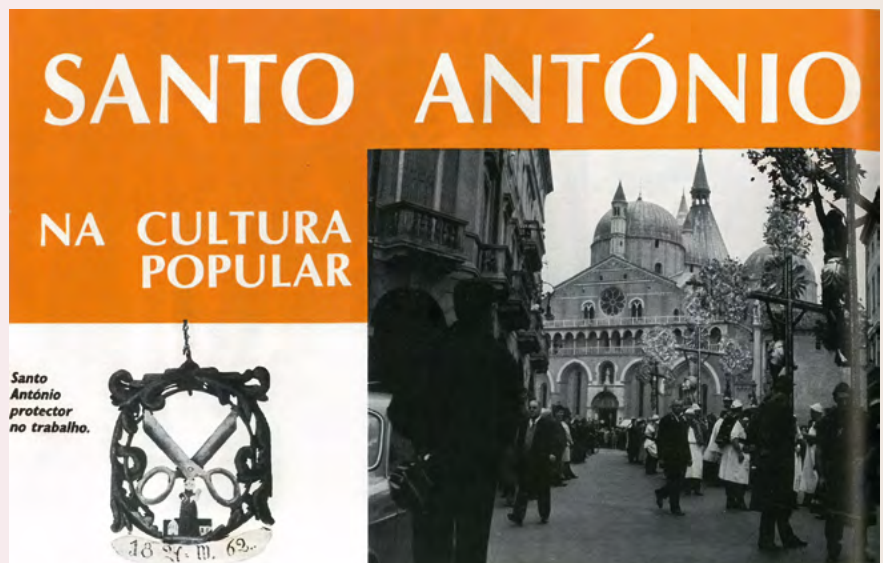
É certo que, apesar de toda a folia do Santo António de Lisboa, é difícil encontrar noutra parte uma festa com as características da noite de S. João no Porto, em que o povo vem para a rua confraternizar, no meio do cheiro a alho e a manjerico. Mas o Baptista quase se eclipsa antes e depois do 24 de Junho enquanto que Santo António, mais do que qualquer outro santo, está de vários modos presente no dia a dia dos portugueses.



**Santo António dos Capuchos
É um santo milagreiro**

**Os frades não matam porcos
E têm grande fumeiro!**

Manuel Pinto, Junho de 1986



Santo António protector no trabalho.

Ainda não há muito tempo, ao visitar pessoa da minha família, nos arredores do Porto, fui convidado a ir ver o porco que essa pessoa diligentemente criava, para ter carne, para todo o ano. Como que em remate do que me contava acerca dos hábitos do bicho, acrescentou: «*Santo António o guarde*», e eu pude ver ainda, toscamente desenhada a tinta branca na face exterior da porta do curral uma cruz a solicitar a benção divina para esta «riqueza dos pobres».

Santo António tem de facto esta faceta de protector dos animais que ajudam o homem e que lhe dão o sustento. E a devoção ao santo está ainda muito arreigada. Na zona de Chaves, por exemplo quando a porca está prenha, a dona faz a seguinte promessa: «*Ó meu Santo António bendito/Se a minha porca não tiver perigo/Nem ela nem os lilhos/Dou-te um porquinho*». Depois de nascerem, escolhe um na altura do desmame, põe-lhe um guizo ao pescoço e o reco fica considerado «do Santo». Quando anda pelas ruas, todos lhe reconhecem o estatuto e, por isso, o tratam bem e lhe dão de comer. Talvez radique em costumes deste tipo a quadra seguinte, não destituída de humor:

RESPONSO

Santo Antoninho cristalino
se vestiu e se calçou,
suas santas mãos lavou
na sua cajadinha tomou
seu caminhar andou
Jesus Cristo encontrou
e Jesus Cristo lhe perguntou:

Tu António aonde vais?

Eu, Senhor, convosco vou.

Tu comigo não irás

Tu na Terra ficarás

Quantas coisas se perderem

Todas tu depararás.

Quantas missas se disserem
todas tu aplicarás

ao meu milagroso Santo,

pelo hábito que vós vestistes

pelo cordão que cingistes

lvraíste o vosso Pai

de sete sentenças falsas

lvrai-me a mim ... (*nome*)

de todos os perigos

de todos amigos e inimigos

deparai-me aquilo que eu deseje

(*pedir o desejo*)

dizei-me por palavras ou sinais se

me concedeis

este tão grande milagre.

Dai-me um carro a apitar

ou um homem a assobiar

meu milagroso Santo António

de Pádua Lisboa e Bolhões.

Em vossa honra Pai-Nosso

Ave-Marla, ... Glória.

(Logo que o desejo seja satisfeito devem-se rezar em sinal de reconhecimento 10 PN e dez AM) - Agradece graça recebida (publicado como publicidade no JN de 30/11/78)

3. ANTÓNIO VIVO A REVISTA NA FÁBRICA

“Conheci a revista “MENSAGEIRO DE S. ANTÓNIO” de uma forma inesperada, numa deslocação a Lisboa com as Irmãs Missionárias da Caridade. Foi-me apresentado Frei Eliseu, colaborador da revista, que me ofereceu o “Mensajeiro”.

Foi uma surpresa agradável, pois não sabia da existência na Igreja Portuguesa de uma revista muito acessível, equilibrada e com qualidade.

Li as revistas e gostei da forma como os temas religiosos eram explicados, numa linguagem simples e educativa.

Achei ainda que, no contexto de actualidade e cultura geral, focava assuntos muito interessantes, sem ser demasiado tecnicista. Foi tal o impacto que a revista teve em mim, que logo procurei mostrá-la às pessoas amigas, que também desconheciam a existência da mesma, começando a fazer novos assinantes.

Prolonguei este meu entusiasmo para a Empresa onde trabalho, embora sabendo que, em Setúbal, as zonas fabris são genericamente hostis à

ANTÓNIO VIVO



A REVISTA NA FÁBRICA

■ Fernando Janeiro

Religião. Esta situação exigiu de mim, mais tarde, muito esforço, compreensão e sacrifício, para ultrapassar as dificuldades.

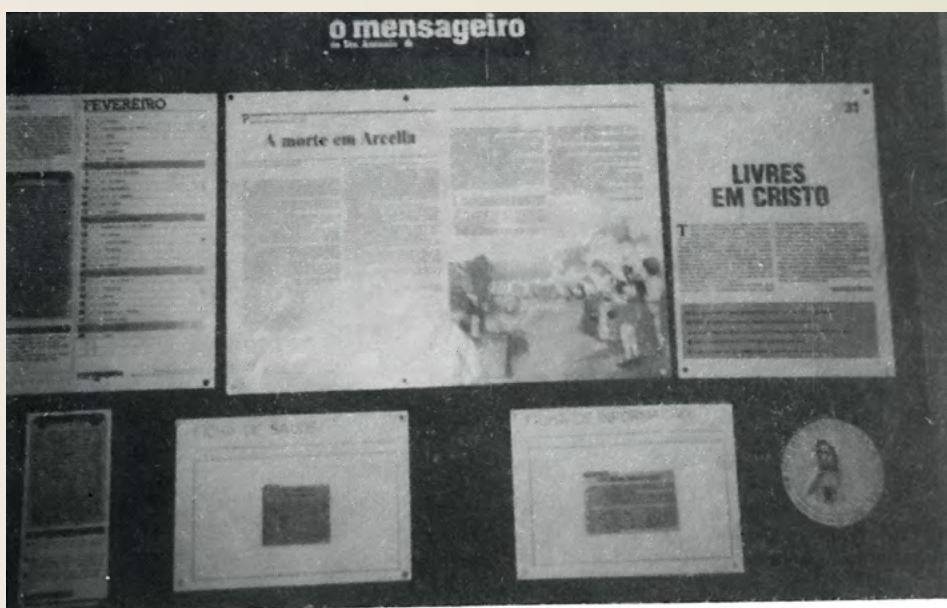
Coloquei num “placard” da Empresa algumas folhas retiradas da revista. Houve uma reacção imediata e compreensível por parte de alguns, pois pela primeira vez surgia, no “placard”, informação religiosa.

Tentaram persuadir-me a retirar as ditas folhas, ao que me neguei.

Em consequência da minha atitude, desconhecidos retiraram as folhas. Eu voltei a colocar novas folhas.

Manteve-se assim este ciclo. Foi um tempo de provação que me fez crescer na fé, lutando por aquilo em que acredito e que amo. E foi nesta luta que encontrei pessoas solidárias e fiz amigos. Surgiu-me então a ideia de pedir à Direcção da Empresa um “placard”, exclusivamente para o “Mensajeiro de S. António”.

Cumpri as formalidades necessárias, reunindo assinaturas a solicitar o referido “placard”. Confesso que foi uma grande alegria conseguir um espaço de divulgação da mensagem do “Mensajeiro”, num meio operário.



O “Placard do Mensageiro”, em Setúbal, nas instalações da “Mague/U-2”

O aparecimento do “Placard do Mensageiro” deu a todos os trabalhadores a possibilidade de disporem de informação sobre Religião, Cultura geral, Alimentação, Saúde, História e Técnica, contribuindo para toda uma evolução cultural, que antes não existia.

Actualmente a revista tem uma maior aceitação geral. Tenho muita esperança no futuro, que se apresenta favorável.

Assim como S. António nos deu o exemplo, devemos viver uma fé viva, perseverante e alegre.

Fernando Janeiro,
abril de 1989



CALHAU ROLADO

DARDO OU MÚSICA?

ÁREA CULTURAL

Nesta área, a “flor da lapela” é certamente uma rubrica que o Mons. Augusto Nunes Pereira, de saudosa memória, levou para frente por vários anos, com o título “Calhau rolado”, fruto da sua arte e sabedoria popular. A revista esteve sempre atenta e sensível a todas as expressões da cultura e da ciência contemporânea.



1. CALHAU ROLADO

“Começa com este número uma nova rubrica, que estará ao cargo de Pe. Augusto Nunes Pereira.

Padre Nunes Pereira é um artista coimbrão de fama nacional e internacional. Distribui com amor, dedicação e simplicidade, as qualidades que da mesma forma recebeu.

Com alegria o acolhemos no número dos colaboradores de «O Mensageiro de S.to António».

A rubrica terá sempre o título duma sua poesia:

CALHAU ROLADO

*Aqui limando,
Além batendo,
Após compondo,
Tem a forma que tem:
Ficou redondo.*

*Eu tenho até pensado
Que não é ele, mas sou eu
O tal calhau rolado.*

O desenho que acompanha estas linhas é tomado de um friso do retábulo flamengo da Sé Velha de Coimbra, obra dos artistas Oliver de Gand e Jean de Ypres, feita entre os anos de 1498 e 1508. Enquanto um fauno empunha o arco e aponta uma flecha, um javali responde-lhe a tocar gaita de foles.

Duas atitudes antagónicas, cada uma provindo donde se não esperava: o fauno, com certa aparência humana, toma atitude belicosa; o javali, espécie de suíno, o mais bruto dos animais, toca um instrumento musical dos mais alegres. Donde as coisas se não esperam é que elas vêm, diz o povo. Não faltam hoje faunos a atirar flechas, a desferir dardos venenosos.

Quando é que os homens dão a volta a isto, deixando as flechas para os javalis e tocando os maviosos instrumentos da justiça e da paz?

Após o Ano Internacional da Música estamos no Ano Mundial da Paz. Que vamos fazer?

Promova-se a música; promova-se o cântico de júbilo em vez dos gritos de guerra.

Ofereçam-se às crianças, em vez de pistolas, flautas e bandolins; ponha-se o povo a cantar, pois «Quem canta seu mal espanta». Mas, ao mesmo tempo, promova-se a melhoria de vida, pois «casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão».

A. Nunes Pereira, Março de 1986



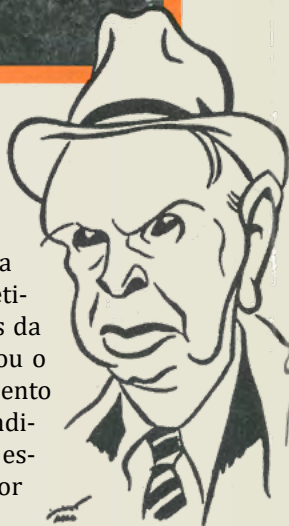
AQUILINO E ROMARIGÃES



Casa de Romarigães.
Abaixo - Aquilino Ribeiro
(caricatura de Sant'Ana).

2. MESTRE AQUILINO

“MESTRE AQUILINO foi, antes de mais, um lutador da Liberdade. Um relançar rápido sobre a sua biografia o dá a entender: politicamente comprometido, conheceu a prisão várias vezes, correu os riscos da evasão, andou a monte, na clandestinidade, amargou o exílio, viu-se coarctado na sua liberdade de pensamento e criação (chegou mesmo a ver uma obra sua apreendida pela polícia política) ... Provou assim que - como escreveu - «o homem de letras é também um interventor do mundo, sem deixar por isso de fazer arte».



Mas não se ficou por aqui. A Liberdade era para ele algo de muito mais vasto. Criado na rudeza da serra, aí conviveu com a ladinice, o pícaro e a esperteza dos mais variados tipos colocados na base da pirâmide social e esmagados, pelo seu peso, gente que, das mais mirabolantes maneiras, luta contra toda a série de hipocrisias, injustiças e opressões de que é vítima.

Porque de facto, AQUILINO é fundamentalmente um aldeão, um serrano, um beirão. Por onde quer que andasse, Paris ou Lisboa, foi sempre um homem da sua terra. «Terra, gente e bichos», a Criação numa palavra, são o verdadeiro tema dos seus livros.

O próprio homem é para ele um fenómeno da Natureza, regido e determinado pelos seus instintos: de posse e de recusa, de sociabilidade e de agressão, de conservação e reprodução, de propriedade e fraternidade, a todos sobrelevando o instinto erótico ou genésico. Reside aqui, de resto, o verdadeiro calcanhar de Aquiles da sua antropologia: a mulher, por exemplo, redu-la praticamente a «um objecto passivo de um impulso masculino, não sendo ela própria uma força autónoma».

Por tudo isto, na sua obra, fervilha a epopeia surda, mas heroica, da vida de cada dia: sacanas e ladrões, salteadores e nobres, padres e estudantes,

É praticamente cortar o Minho a meio: viajando de Valença para Ponte de Lima, depois do cruzamento de S. Roque, atravessa-se a aldeia de Romarigães. À direita da estrada, um pouco dentro, lá está A CASA GRANDE DE ROMARIGÃES, cuja «crónica romanceada» é uma das obras primas de AQUILINO RIBEIRO.

O que resta da Casa Grande é ainda imponente. Mas, visto de perto, é já desolador. Até caixilhos de alumínio...

revolucionários e utópicos, almocreves e comerciantes, homens da terra e artistas, gente sem nada de nada e outra rica de interior, tudo isso enche de assombrosa autenticidade a vasta obra do Mestre.

Escreveu nomeadamente sobre a aldeia, a vida rústica e serrana. A cidade, onde viveu de resto a maior parte da sua vida, também o interessou. Mas «descendo da serra, a sua escrita perde».

É talvez um lugar comum dizer que AQUILINO é um muito bom prosador e um medíocre efabulador. Mas é verdade. A sua predilecção pelos quadros e pequenas descrições, a preferência que dava às partes sobre o todo, ao acessório sobre o essencial, na busca do adorno através de um vocábulo expressivo e raro ou de uma metáfora surpreendente e inesperada, fazem da prosa de AQUILINO um verdadeiro monumento da arte de escrever, e constituem-no o maior prosador português deste século, de resto só comparável a Camilho ou Eça, que ultrapassa em muitos aspectos.

Porque a sua linguagem é verdadeiramente nova. Ninguém como ele encontrou a palavra exacta, a locução insubstituível, a frase perfeita. Ler AQUILINO, para lá das dificuldades provenientes do facto de ser muito pobre o nosso vocabulário hoje em dia, é verdadeiramente um prazer, uma alegria, um gozo.

*Arlindo de Magalhães,
Fevereiro de 1986*



3. AS AMOREIRAS: O PASSEIO PÚBLICO DO SÉCULO XXI

“A ponte sobre o Tejo, o Terreiro do Paço, ou o Cristo-Rei deixaram de aparecer nas revistas estrangeiras para ilustrar artigos sobre Lisboa. Hoje são as torres das Amoreiras que tomam o lugar de verdadeiro “ex-libris” da cidade. E não apenas para forasteiros. Também para os alfacinhas as torres e o seu imenso centro comercial constituem polo de atração e fascínio. Cem anos depois, Lisboa volta a ter o seu passeio público: lugar onde se vai, não só para ver e comprar, mas também para ser visto e viver a ilusão de que se faz parte do mundo em que se entra ao abrir das portas do «maior centro comercial da Europa». (...)”

VER PARA SER

A moda. A possibilidade de tocar, sentir, fazer parte da roupa que «está a dar», mesmo que só se possa chegar às imitações baratas, já é, em si um aliciante, uma forma de “participar” de mundos aparentemente vedados.

No fundo, por detrás de todo o ambiente das Amoreiras parecem surgir os fenómenos mais simples do mimetismo, da ilusão de se ser aquilo que os olhos vêem. Por isso também, existem tantos que às montras pouco ligam: a sua atenção está virada para quem passa. Debaixo de um mesmo tecto - porque, apesar dos grandes espaços e dos enormes corredores, não é a mesma coisa andar nas ruas da baixa lisboeta ou nos passeios de um centro comercial - todos parecem mais próximos e, sobretudo, mais



depressa se ganha o sentimento de pertencer ao ambiente fiérico que nos envolve.

Mesmo sem a experiência de quem é vigilante por dever de ofício, fácil é concluir, após meia hora de observação da multidão que por ali circula que - tirando quem sai carregado de compras do supermercado - nada levam de comprado, apenas os olhos vão mais cheios (mais tristes?) do quanto se viu.

MOSTRAR-SE ...

As Amoreiras, lugar de passeio? Sim. Sem dúvida. Basta lembrar o modo como, cada vez que se põe dia de chuva num fim-de-semana, logo o centro comercial se enche mais do que nunca. Sem sol, são menos os lugares por onde os alfacinhas podem trocar a casa e, em última instância, a solução é: «vamos até às Amoreiras?». Sem mais, sem projectos muito definidos ... não é verdade que «nas Amoreiras você encontra tudo o que precisa?». (...)

SEM PARAR

Mas, acima de tudo, as Amoreiras é um fenómeno com impacto na

juventude. Se não chegam a marcar o ambiente, são contudo os jovens quem mais claramente vai para as Amoreiras matar o tempo, exhibir-se e olhar o mundo que ali se dá a ver. Ao contrário de outros lugares em que a juventude acaba por se fazer um espaço próprio, tal não acontece neste caso. Em nenhum canto se sabe de antemão que ali estará um determinado tipo de jovem, nenhum espaço foi “ocupado” e demarcado como território próprio por grupos de jovens. Nas Amoreiras tudo flui, nada se fixa, a palavra de ordem é para andar, para passear.

(...) Na catedral do consumo as regras parecem ser consensuais e aparentemente ainda nenhum «gang» organizado se aproveita do facto de milhares de jovens por ali passarem diariamente. É que o lugar da exterioridade por excelência tampouco oferece zonas em que uma maior intimidade seja possível: excluindo a área dos restaurantes, as hipóteses de parar para conversar são poucas e, em todo o caso, sempre em pé - que sentar-se é caro!”

José Matos, Fevereiro de 1988

4. O DESAFIO DAS RELAÇÕES IGREJA/ MUNDO

“O mês de Dezembro, para além de recordar as festividades do Natal, marcou o nascimento de uma iniciativa que vale a pena destacar. No grande Centro Comercial das Amoreiras (Lisboa) abriu um centro cristão, de porta aberta para quem quiser entrar, rezar um pouco, simplesmente fazer silêncio, expôr uma questão religiosa, reunir-se em grupo.

Quer dizer, a Igreja teve a inteligente ideia de ir ao «coração» da sociedade de hoje: o grande centro comercial onde tudo se encontra e por onde toda a gente passa. Um gesto que mostra que a Igreja não teve medo da «concorrência» do mundo, mas aceitou o mesmo terreno de oferta/consumo para propor o que lhe é próprio.

O êxito da iniciativa, muito dependerá do como e de quem a levará para a frente, no entanto não deixa de ter significado este facto, porque, no fundo, relança a própria missão da Igreja e o grande tema das relações Igreja-Mundo.

A herança do Concílio Vat. II, a este respeito, foi o da Igreja manter constantemente aberta a porta ao mundo, numa atitude de acolhimento/salvação e não de condenação.

A história, porém, ensina que é necessário não cair em simplismos e pacifismos: a verdade acima de tudo. E é por amor à verdade que a Igreja tem que entrar no coração do mundo para levar a sua luz, o seu testemunho e, também, a sua crítica.

No presente número de «O Mensageiro» quisemos dar um mergulho na cultura dominante da nossa sociedade, para a conhecer e avaliar melhor.

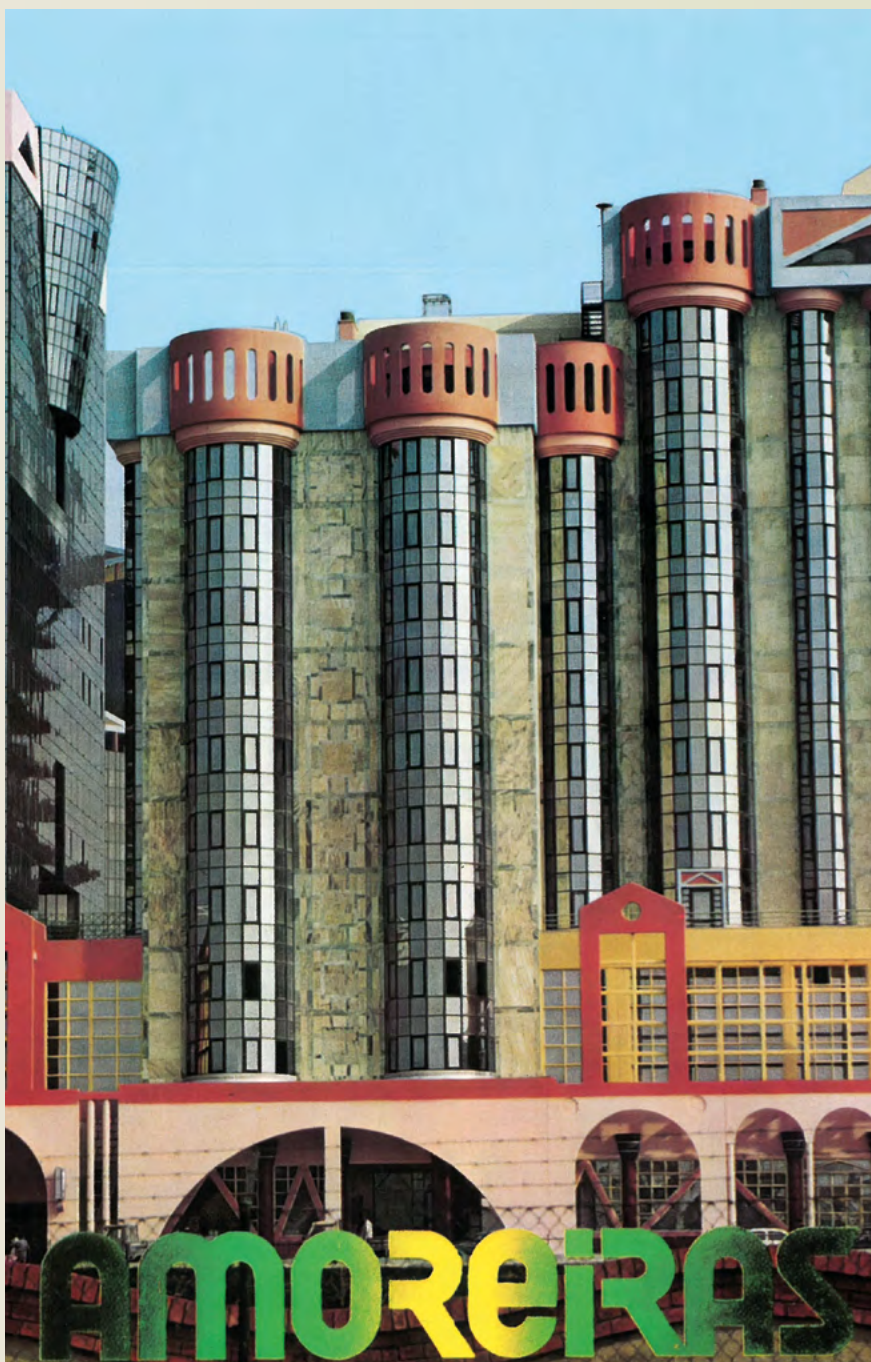
Também o caderno «Crescer na Fé» nos ajudará melhor definir o proble-

ma, dando-lhe uma perspectiva teológica e histórica mais ampla.

Enfim, é um problema sempre actual: Como há-de a Igreja lançar a sua semente no mundo? E mais ainda: a semente não estará já lançada, e, por isso, não se tratará de fazer obra de cultivo?

O problema é complexo e não redutível a fórmulas para decorar. Aqui fica um alerta para que jamais haja fossos, valetas ou montes entre Igreja e Mundo, no fundo, entre irmãos, filhos dum único Pai.

*Frei Severino, editorial,
Fevereiro 1988* **M**



Alarga a tua tenda (Is 54,2)

O Papa Francisco no país das tendas

Idalino Simões



Na Mongólia, 52% são budistas, 41% consideram-se “não religiosos” e 3,2% são muçulmanos. Os batizados não chegam a 1500.

À direita: O Papa Francisco participa no encontro ecumênico e inter-religioso no Teatro Hun em Ulaanbataar, Mongólia, 3 de setembro de 2023. Foto EPA/CIRO FUSCO

A Mongólia, estepe, deserto e montanha, terra de pastores nómadas. As suas tendas são local de repouso e acolhimento, pontos brancos espalhados pelas pastagens verdejantes. Tornaram-se símbolo de um povo antigo. Do vasto império mongólico resta um grande território, sendo o país independente com menor densidade populacional do mundo, com uma população de cerca de 3,4 milhões de pessoas.

Segundo o censo nacional de 2020, 52% da nação é budista, 41% considera-se “não religioso” e 3,2% são muçulmanos. Os batizados não chegam a 1500. Toda a ação missionária que floresceu na Mongólia nas últimas décadas teve sempre como dimensão essencial e estrutural a abertura ao encontro com crentes de outras experiências religiosas, numa prática de diálogo inter-religioso e intercultural

A Mongólia – explica o Cardeal Giorgio Marengo num vídeo reportagem preparatório da visita – é um “país com uma longa tradição espiritual xamânica e budista, e também em parte islâmica, que se destacou imediatamente por essa ‘grande riqueza’, que também interpelou imediatamente as missionárias e os missionários católicos”. Uma pluralidade religiosa que missionários e missionárias aprenderam a conhecer,

estudar e apreciar, num diálogo que cresceu ao longo do tempo e tomou a forma de uma prática de encontros regulares cada vez mais frequentes com representantes de outras experiências religiosas. Há dois anos, os encontros de convivência e diálogo inter-religioso acontecem a cada dois meses. Durante esses encontros – acrescenta o cardeal Marengo no vídeo reportagem – “temas de interesse comum e também dificuldades, possibilidades de soluções comuns” são aprofundados e são promovidas iniciativas compartilhadas, especialmente no campo da caridade.

A visita do Papa a uma comunidade tão pequenina é um grito e um desafio. Visitar um país para se encontrar com a quase totalidade dos crentes ajuda a entender a missão do Papa como construtor de Igreja e no alento que dá às pequenas comunidades.

Mas a visita encontra, como o Papa Francisco já nos habituou, muitos desafios para este tempo que estamos a viver. A tenda é um dos símbolos da primeira sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que está a decorrer de 4 a 29 de outubro de 2023, com o tema *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*. Alarga a tua Tenda como dizia o profeta Isaías: “Alarga o espaço da tua tenda, sem olhar a despesas, estende sem medo as cortinas das tuas moradas; alonga as cordas, reforça as estacas”...

A visita do Papa a um povo nómada que se desloca à procura de “pastagens verdejantes” vem confirmar a visão-missão da Igreja “hospital de Campanha”, uma Igreja não instalada nem

auto referencial. Sempre disposta a partir para novos caminhos, novos sonhos e desafios.

A Mongólia está encastrada entre a China e a União Soviética. Era também uma expectativa comunicar com esses vizinhos e dizer aos cristãos que a Igreja está próxima (que a Igreja se aproxima).

Mas é sobretudo no diálogo inter-religioso que esta visita ganha uma dimensão surpreendente. Na história recente da Mongólia, só a partir de 1990 surge, com o advento de um governo livre e democrático, a liberdade religiosa.

O encontro inter-religioso no Hun Theatre, no dia 3 de setembro, revela uma prática de encontros anteriores entre as diferentes expressões religiosas presentes. As palavras de saudação ao Papa Francisco dos diferentes líderes revelam o clima de paz e harmonia que se pode construir quando se edificam pontes em vez de muros.

As palavras do Papa Francisco revelam esse caminho comum de “olhar para o alto e encontrar o caminho na terra”.

Depois de agradecer a presença e saudações de todos o Papa acrescenta:

O próprio facto de estarmos juntos no mesmo lugar já é uma mensagem: as tradições religiosas, na sua originalidade e diversidade constituem um formidável potencial de bem ao serviço da sociedade. Se quem possuísse a responsabilidade das nações acolhesse o caminho do encontro e do diálogo com os outros, contribuiria certamente de uma forma decisiva para acabar com os conflitos que continuam a causar sofrimento a tantos povos. A respeito dos vossos costumes, já aludi ao facto de, ao preparar-me para esta viagem, ter ficado fascinado pelas habitações tradicionais nas quais o povo mongol revela uma sabedoria que se foi sedimentando ao longo de milénios de história. De facto, a ‘ger’ constitui um espaço humano: dentro dela se desenrola a vida familiar; é lugar de convívio amistoso,

de encontro e de diálogo onde, mesmo quando são muitos, sempre se consegue arranjar espaço para mais um. Além disso, é um ponto de referência concreto, facilmente identificável nas imensas extensões do território mongol; é motivo de esperança para quem se extraviou: se existe uma ‘ger’, há vida. Encontramo-la sempre aberta, pronta a acolher o amigo, mas também o viandante e até o estrangeiro, para lhe oferecer um chá ainda fumegante que faz voltar as forças no frio do inverno ou um leite fresco fermentado que dessedenta nos dias quentes de verão. Assim o experimentaram também os missionários católicos, vindos doutros países, que aqui são acolhidos como peregrinos e hóspedes, e entram em pontas de pés neste mundo cultural, para oferecer o testemunho humilde do Evangelho de Jesus Cristo. Mas, a par do espaço humano, a ‘ger’ evoca a essencial abertura ao divino. A dimensão espiritual desta habitação é representada pela sua abertura para o alto, com um único ponto por onde entra a luz, em forma de claraboia aos gomos. Assim, o interior torna-se um grande relógio de sol, no qual se sucedem luz e sombra, marcando as horas do dia e da noite. Encerra-se aqui um ensinamento interessante: o sentido do tempo que passa provém, não do mero fluir das atividades terrenas, mas do alto. Além disso, em certos momentos do ano, o raio que penetra do alto ilumina o altar doméstico, lembrando a primazia da vida espiritual. Assim, a convivência humana que tem lugar no espaço circular é constantemente referida à sua vocação vertical, à sua vocação transcendente e espiritual.

A tenda (ger ou iurte) adquire, nas palavras do papa, o caráter de símbolo escolhido para o encontro sinodal.

Todos aguardamos que o Espírito, à semelhança do sol, entre pelas aberturas da tenda apesar das espessas nuvens que alguns setores da Igreja vão espalhando para travar a explosão de vida que a Igreja deve ser na escuta de todos para ser um lugar para todos, todos, todos... **M**



Juan Ambrosio



As últimas Conferências sobre o Clima tiveram um baixo nível de implementação (privilegiavam-se os interesses de alguns países e empresas sobre o bem comum (cf. LD 52).

Papa recebe em audiência o presidente da COP 28. Foto Vatican News.



A todas as pessoas de boa vontade

No meio do caos que estamos a viver, com duas grandes guerras a desenrolarem-se aos nossos olhos, além de todas as outras que continuam ativas, mas das quais pouco ou nada se diz; no meio de um receio cada vez mais real do aumento dos atentados terroristas ‘nos nossos territórios’ e já não só em sítios que, apesar de tudo, parecem estar mais distantes; no meio de grande agitação social no nosso país em setores tão importantes como o da saúde, da educação, da justiça, da habitação, para nomear só alguns; no meio de tudo isto e de muitas mais coisas, passou quase despercebida a publicação, no passado dia 4 de outubro, dia de S. Francisco, da Exortação Apostólica *Laudate Deum*.

É verdade que se trata de um texto pequeno; é verdade que não traz tanta novidade assim, em relação ao que se diz e partilha na *Laudato si'*; é verdade que a temática até está na moda e, de um modo geral, as pessoas até já julgam saber antecipar o que a esse propósito se possa dizer; é verdade tudo isto e muito mais, mas, apesar de tudo, julgo que esta Exortação, e, sobretudo, a convocatória que contem, é mesmo muito importante, não podendo ser ignorada.

Logo no início o próprio papa diz a razão por que a escreveu:

Já passaram oito anos desde a publicação da carta encíclica Laudato si', quando quis partilhar com todos vós, irmãos e irmãs do nosso maltratado planeta, a minha profunda preocupação pelo cuidado da nossa casa comum.

Mas, com o passar do tempo, dou-me conta de que não estamos a reagir de modo satisfatório, pois este mundo que nos acolhe, está-se esboçando e talvez aproximando dum ponto de rutura. (nº 2)

Não estamos mesmo a reagir de modo satisfatório e por isso o Papa insiste:

Duma vez por todas acabemos com a atitude irresponsável que apresenta a questão apenas como ambiental, «verde», romântica, muitas vezes ridicularizada por interesses económicos. Admitamos, finalmente, que se trata dum problema humano e social em sentido amplo e a diversos níveis. Por isso requer-se o envolvimento de todos. (nº 58)

Porque estamos perante um desafio global, porque é necessário o envolvimento de todos, esta Exortação é dirigida a todas as pessoas de boa vontade, crentes e não crentes, convocando-as a uma ação urgente.

Nela reconhecemos o diálogo entre as várias racionalidades e sabedorias com que podemos e devemos refletir estas questões. Por isso nela ecoam a voz das ciências naturais, das ciências sociais e humanas, da filosofia, da teologia, da ética, dando claramente a entender que só no exercício desse diálogo poderemos lidar com os desafios que enfrentamos.

Por isso nela se denuncia, de um modo claro e inequívoco, o crescente paradigma tecnocrático, a partir do qual se olha para o planeta como um objeto de exploração, de utilização desenfreada e de ambição sem limites (cf. nº 25).

Por isso nela se alerta para o perigo da concentração da riqueza e do poder na mão de poucos (cf. nº 23).

Por isso nela se refere a fragilidade da política internacional que não tem sabido, mas também não tem querido, tomar as atitudes necessárias, sendo, por isso, necessário redesenhar o multilateralismo, de modo a possibilitar a adoção de novos procedimentos, uma vez que aquilo que tem sido feito não se tem revelado suficiente nem eficaz (cf. Cap. 7).

Por isso nela se constata que, apesar de alguns avanços e conquistas, é necessário definitivamente mudar de hábitos e de estilos de vida, interpelando todos os intervenientes da COP 28, a realizar no fim deste ano no Dubai, a serem estratégias capazes de pensar mais no bem comum e no futuro dos seus filhos, do que nos interesses de alguns continentes, países ou empresas (cf. nº 60).

Porque “tudo está interligado”, porque “ninguém se salva sozinho” (cf. nº 19) é necessário e urgente uma visão mais alargada, capaz de perceber que a situação que estamos a viver não tem a ver apenas com a física ou a biologia, mas também com a economia e o nosso modo de a con-

ceber, pois a lógica do máximo lucro ao menor custo, disfarçada de racionalidade, de progresso e de promessas ilusórias, tem tornado impossível qualquer preocupação sincera com o cuidado da casa comum e com o cuidado pela promoção dos descartados da sociedade (cf. nº 31).

Muito do que é dito no contexto desta Exortação acerca da crise climática pode muito bem aplicar-se às situações aludidas no início destas linhas, e também por isso me pareceu oportuno referi-lo.

E para os que se dizem cristãos, acresce ainda o compromisso que decorre da própria fé, defendendo o valor peculiar e central do ser humano, no meio do maravilhoso concerto de todas as seres criados por Deus, com os quais formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde (cf. nº 67).

Nesse sentido, e ao contrário do que por vezes se tem afirmado em alguns setores, mesmo dentro da Igreja católica, o verdadeiro *Louvor a Deus* pressupõe e exige o cuidado pela casa comum e pelo humano comum. **M**



EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
LAUDATE DEUM
Do Santo Padre Francisco
A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática
4 de outubro de 2023



DESDE A PUBLICAÇÃO DA LAUDATO SI' EM 2015...

- Não temos reações suficientes à crise climática (cf. LD 2).
- O mundo que nos acolhe vai-se desmoronando (cf. LD 2).
- Vemos como o impacto das alterações climáticas prejudicará as vidas e as famílias de muitas pessoas (cf. LD 2).

OS SINAIS DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS SÃO BEM VISÍVEIS:

- Fenómenos extremos, calor invulgar, secas (cf. LD 5).
- Chuvas intensas, inundações (cf. LD 5).
- Aceleração anormal do aquecimento (cf. LD 6).
- Aceleração do aumento de gases com efeito de estufa (cf. LD 11).

COMO CHEGÁMO A ISTO?

Não é possível duvidar da **origem humana** das alterações climáticas (cf. LD 11), nem da sua posição no **paradigma tecnocrático**.

↓

O **ser humano julga-se ilimitado**, «cujas capacidades e possibilidades poderiam ser ampliadas até ao infinito graças à tecnologia» (cf. LD 21).

↓

Pensamos que o mundo que nos rodeia é um objeto de exploração, de uso desenfreado, de **ambição ilimitada** (cf. LD 25).

FALTA DE EFICIÊNCIA, DE OPORTUNIDADES E DE PROGRESSOS DURADOUROS NOS ACORDOS MULTILATERAIS ENTRE ESTADOS (cf. LD 34)

• Não existem organizações com autoridade real para assegurar objetivos imprescindíveis (cf. LD 35).

• Os procedimentos de tomada de decisões eficazes anteriores não foram suficientes (cf. LD 43).

• As últimas Conferências sobre o Clima tiveram um baixo nível de implementação (privilegiaram-se os interesses pessoais sobre o bem comum) (cf. LD 52).

[Para que se quer preservar um poder que será recordado pela sua incapacidade de intervir? (cf. LD 60)]



“ ”

Todo o universo mostra a inesgotável riqueza de Deus (cf. LD 63). Unamo-nos a este caminho de reconciliação com o mundo que nos acolhe (cf. LD 69). «Não há mudanças culturais sem mudanças nas pessoas» (cf. LD 70). “Louvai a Deus”: um ser humano que pretende ocupar o Seu lugar converte-se no pior perigo para si próprio (cf. LD 73).

PAPA FRANCISCO

COP28 UAE

COP28 da ONU no Dubai
30 NOV 2023 – 12 DEZ 2023

- Deve ser um ponto de inflexão para reagir e demonstrar que o que foi feito valeu a pena (cf. LD 54).
- Deve contribuir para uma melhor transição energética (cf. LD 59).
- Deve ajudar-nos a sair da lógica de remediar, para procurar o bem comum e assegurar o futuro das próximas gerações (cf. LD 58, 60).

DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

Contate o Movimento Laudato Si' e a Plataforma de Ação Laudato Si' em
www.LaudateDeum.org
info@humandevlopment.va

CORAGEM,
LEVANTA-TE!
VENCE
O MEDO

Simone Olianti

Ilustração:
Elisabetta Benfatto

Messaggero
di sant'Antonio

Tenho medo de ser feliz

É possível ter
medo da
luz?

Normalmente temos medo da escuridão, das trevas, da sombra que habita em cada um de nós. Então, porquê temer a luz?

É uma questão que me tem vindo a incomodar desde que ouço e acompanho pessoas em situações de crise; um verdadeiro *mysterium iniquitatis* (mistério do mal) que nunca deixa de me perturbar, mesmo ao fim de tantos anos.

Nelson Mandela, aos 75 anos, após 26 anos de prisão injusta, proferiu um magnífico discurso por ocasião da sua tomada de posse como Presidente da República da África do Sul: "O nosso medo mais profundo não é o de sermos inoportunos. O nosso maior medo é sentirmo-nos poderosos e sem barreiras. O que nos assusta é a luz, não são as trevas..."



**A tristeza, quando cultivada por muito tempo,
instala-se nos meandros da mente
e nunca mais desaparece.
Provoca a desconfiança, que gera o desespero,
ou seja, a convicção de que já não é possível
encontrar um caminho rumo à alegria.**

A luz assusta-nos sempre que temos algo a esconder ou quando queremos caminhar nas trevas. Quem acolhe a luz, acolhe a alegria que ninguém pode arrebatá-la do nosso coração (cf. Jo 16,22). Pode causar surpresa a quem não conhece os Textos sagrados, que não se encontre neles, nem uma única vez, o termo “felicidade”, uma palavra tão cara à filosofia grega e ao budismo. No Novo Testamento, pelo contrário, encontra-se 75 vezes o verbo *kairein* (*alegrar-se, regozizar-se*) e, 59 vezes, o substantivo *kaire* (*alegria, júbilo*). E, não o devemos esquecer, o oposto da alegria, não é a dor, mas a tristeza: pois é possível encontrar a alegria também na dor, se ela fizer florescer a vida, se não for uma dor inútil e estéril. “A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza, porque chegou a sua hora. Mas, quando nasce a criança, já não se lembra da tribulação, pela alegria de ter nascido um homem para o mundo” (Jo 16, 21).

Quantas pessoas sofrem as dores do parto sem poder chegar à luz? Vivendo uma vida estéril e insípida, por vezes cínica e sem alegria? É até possível acostumar-se de tal maneira à dor, que só a ideia de experimentar um pouco de alegria já é dolorosa. Podemos acostumarmo-nos a uma vida mesquinha e sem esperança, e não querer fazer nada para sair dela.

Por isso, é necessário vigiar a tristeza porque, se for cultivada demasiado tempo, corre-se o risco de ela se instalar nos meandros da mente e nunca mais desaparecer. Se a tristeza se instala no sofá da mente, inibe a esperança de que é possível encontrar um caminho rumo à alegria; não só não o torna

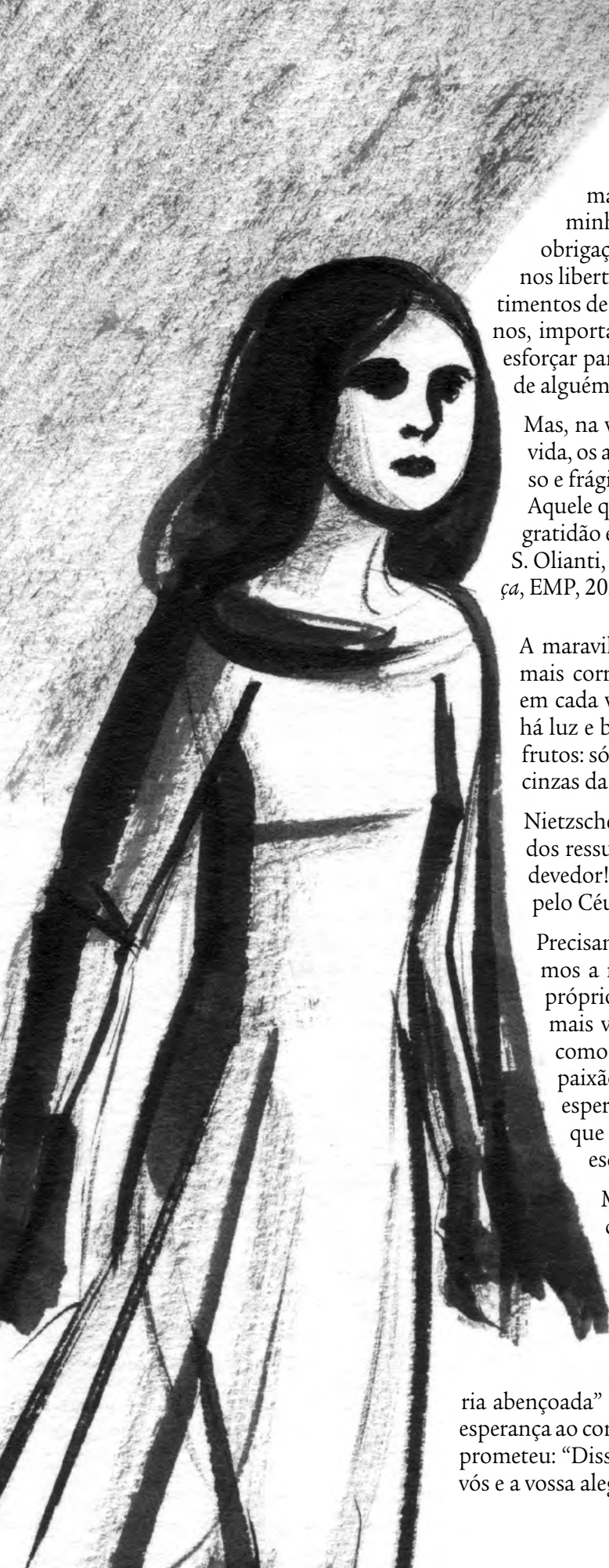
possível, como nem sequer o torna credível. Assim, a tristeza torna-se desconfiança e a desconfiança gera desespero. No entanto, quem já provou a alegria, nunca mais a esquece. A alegria, que é um “contentamento do ser”, é suficiente em si mesma; pois é pura consciência de existir, de ser querido, desejado, amado, de não ser um erro: não estamos no mundo por engano. Se houver esta intuição do coração, tudo fica mais claro porque “as coisas obscuras tendem à clareza” (Eugenio Montale) e os olhos alegam-se ao ver o sol (Qo 11,7).

Quem provou esta alegria ainda que por momentos, que a guarde com cuidado e, se a perder nos meandros caóticos da vida, procure preservar a sua saudosa lembrança: “Se eu nunca tivesse visto o sol, teria suportado a sombra, mas a luz acrescentou ao meu deserto uma desolação inimaginável” (Emily Dickinson).

No entanto, é importante distinguir a alegria, que é um fruto maduro do Espírito, do prazer, que é uma intoxicação dos sentidos. O mundo está cheio de prazeres, mas isso não parece fazer ninguém feliz. A alegria tem outro gosto: tem o sabor perfumado do amor e da gratuidade.

Se alguém me perguntasse: conheces o segredo da felicidade? Eu responderia: não sei! A felicidade também depende de muitas circunstâncias externas: saúde, um bom emprego, uma relação afetiva que funcione, um bom salário. Mas se me perguntarem: conheces o segredo da alegria? Eu responderia: tenho uma intuição, uma experiência que me faz dizer que há um caminho que leva à alegria.

Precisamos aprender a cansativa e humilde arte de nos amarmos a nós mesmos, na esperança tenaz e paciente da própria realização que só pode ser encontrada arriscando e amadurecendo as escolhas que dão sentido e gosto à vida.



Este caminho não passa pelo desenvolvimento pessoal, nem pela consciência daquilo que somos, por mais importantes que estas coisas sejam. Este caminho passa pelas misteriosas, mas autênticas, formas do dom e da gratuidade. Mas para trilhar este caminho temos de sair da lógica cansativa da obrigação, da obrigação para com Deus e para com a vida; precisamos de nos libertar dos sentimentos de culpa. E o pior de todos os sentimentos de culpa é a culpa de existirmos e não nos sentirmos dignos, importantes, preciosos, amados. Pensar que temos que nos esforçar para ser dignos de merecer o amor que tanto desejamos de alguém que saiba que existimos e que nos dê valor.

Mas, na verdade, tudo o que somos e temos, foi-nos doado: a vida, os afetos mais queridos, a beleza deste planeta maravilhoso e frágil, a alegria de amar e ser amado. Tudo nos é dado por Aquele que nos chamou à vida. A gratuidade do dom abre-se à gratidão e ao assombro, não à lógica cansativa da obrigação (cf. S. Olianti, *Diante da morte aprende a vida. Para uma ética da esperança*, EMP, 2022, pp.204-205).

A maravilha é dar-se conta que em cada homem, mesmo no mais corrompido ou fragilizado, há um fragmento de Deus; em cada vida, ainda que desfigurada pelo pecado ou pela dor, há luz e beleza. Somos chamados a ser fecundos, a dar flores e frutos: só assim a vida brilha, só assim a vida pode ressurgir das cinzas da insignificância.

Nietzsche dizia que gostaria de ver no rosto dos cristãos o rosto dos ressuscitados: a alegria da vida e não a tristeza do escravo devedor! O rosto dos “malsucedidos”, daqueles que anseiam pelo Céu porque têm medo de viver plenamente na Terra.

Precisamos aprender a cansativa e humilde arte de nos amarmos a nós mesmos, que não é centrar a atenção sobre nós próprios, mas esquecer o ego para trazer à superfície a parte mais verdadeira e bonita de nós mesmos. Buscar a alegria como o cão fareja a presa é ousar a coragem da esperança, a paixão do possível que pode ser encontrada onde menos se espera, na esperança tenaz e paciente da própria realização que só pode ser encontrada arriscando e amadurecendo as escolhas que dão sentido e gosto à vida.

Mas temos que dar um passo em frente, caminhar, ainda que no escuro, porque no caminho da esperança só se avança caminhando, como Abraão, que na sua velhice estéril, confiou em Deus e partiu para uma terra que não conhecia, ousando a coragem da esperança.

“Bastaria um passo e a minha profunda miséria seria abençoada” (Rainer M. Rilke). É o passo da confiança que abre a esperança ao coração e ilumina o caminho. Não mente Aquele que nos prometeu: “Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa” (Jo 15, 11). **M**

O Santo protetor de Todos os Santos

MEMÓRIA
E
TRADIÇÃO

No sermão pregado no dia 13 de junho, possivelmente no ano de 1638, em Salvador da Bahia, no Brasil, o padre Antônio Vieira justificava a evocação de Santo Antônio para proteger a Baía de Todos-os-Santos, que naquela época estava ameaçada por tropas estrangeiras.

Para este pregador, os santos dividem-se em seis hierarquias – patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores e virgens – e Santo Antônio acumula em si todas elas:

Patriarca, porque “sendo filho de São Francisco, muitos dos filhos do mesmo santo o tomaram a ele por pai e se chamam religiosos de Santo Antônio”.

Profeta, pelas coisas que anteviu e profetizou.

Apóstolo, pela sua pregação em Itália e França, pela conversão dos hereges e milagres que realizou.

Mártir, porque foi procurar o martírio a África e só por vontade de Deus não terminou os seus dias em Marrocos, mas a evangelizar na Itália e no sul de França.

Confessor, pelos prodígios praticados.

E **virgem**, diante do qual fugiam “todas as tentações contrárias à pureza”.

Por isso, o padre Antônio Vieira conclui que para defender a cidade que tem por nome Baía de Todos-os-Santos, só poderia ser chamado Santo Antônio, “aquele santo universal, que sendo um só na pessoa, nos graus e hierarquias da santidade era todos os santos”.

É este apreço por Santo Antônio, que se vai afirmando ao longo dos séculos, que leva a que acumule em si inúmeros padroados e seja evocado nas mais diversas situações.

A sua imagem torna-se omnipresente, seja nas igrejas onde é enaltecido por manifestações devocionais, seja nas fachadas das casas para defesa das famílias, no interior das lojas para proteção dos negócios, ou em pequenas imagens e pagelas que acompanham o devoto no seu dia a dia. **M**

Pedro Teotónio
Pereira



Gravura *Ora Pro Nobis Beati Antoni*, de Domingos José da Silva (desenhador e gravador) e Pedro Alexandrino (pintor), Séc. XIX (início)
Museu de Lisboa
– Santo Antônio
MA.GRA.4

A penitência criativa

De acordo com o que afirma Santo António, a penitência tem a ver com alegria, mas também com a coragem e a confiança. A preguiça, por outro lado, não tem nada a ver com isso. Vamos tentar dar alguma luz às palavras do nosso Santo, por ocasião da festa de Todos os Santos.

Conhecemos o cuidado que a pregação de António tinha para garantir que os pecadores abrissem os olhos para o mal feito, especialmente em relação aos comportamentos que asfixiavam os outros, privando-os de uma vida digna e justa. É importante reconhecer os próprios erros e sentir dor. É uma dor saudável que nos sacode e semeia no coração o desejo de mudar.

Muitas vezes, a santidade começa assim: experimenta-se o sabor amargo de uma existência sem escrúpulos e abre-se a fenda da nostalgia. Uma inquietação aguda exorta-nos a mudar, a seguir novos caminhos. A questão é que, por vezes, esta nostalgia corre o risco de se ficar apenas por um sentimento vago. Em vez disso, a nostalgia precisa de se converter numa decisão, num comportamento efetivo.

É este o significado da penitência recomendada por Santo António: intuir as escolhas concretas a fim de serem implementadas, através de ações que, por vezes, podem parecer modestas ou banais, mas que lentamente ajudam a mudar o caminho, redescobrimo a alegria de novos e felizes relacionamentos com os outros.

A penitência consiste em “orientar” o instinto, dando-lhe um novo rumo,

compreendendo que pode haver outras formas de proceder mais fecundas e atraentes.

Normalmente associamos a palavra “penitência” a sentimentos cinzentos e deprimentes. Pelo contrário, nesta perspetiva, a penitência é um trabalho criativo. Significa escapar dos sentimentos sufocantes de culpa que se escondem nos nossos corações, reabrindo as janelas da alma, deixando entrar um novo ar.

A penitência não consiste em sofrer um castigo que nos mortifica, mas antes em descobrir novas formas de agir. É por isso que é necessário pôr de lado a timidez e, com confiança, recomeçar com coragem. Afirmar que nunca conseguiremos, é mentira!

Temos muitos exemplos de homens e mulheres que, na rotina diária das suas vidas, nos deixaram testemunhos esplêndidos. Nem mesmo o medo nos poderá bloquear: não se faz penitência para evitar o castigo, mas porque confiamos na vida e nas possibilidades que ela nos oferece para amarmos mais.

E a preguiça de que fala o Santo?

De facto, é necessário estarmos alerta, porque fazer o bem requer sempre um esforço. Pelo menos começar! **M**

Jovens peregrinos
na Vigília com o
Papa, 5 de agosto
de 2023.

Foto Jesus Huerta
JMJ 2023





A alegria do penitente em cumprir a penitência que lhe foi atribuída pelo seu pecado é simbolizada pela galheta do vinho, pois a penitência não deve ser feita nem com timidez ou medo, nem com preguiça. Na verdade, “Deus ama quem doa com alegria”.

Sermões, Festa da Cadeira de S. Pedro, 11

Deus de Abraão,

nós vos suplicamos pelo povo de Israel,
o povo a quem prometestes amor e fidelidade eternos.

Este povo conheceu a dor e as dificuldades da escravidão
e Tu o libertaste enviando o teu servo, Moisés.

Pois que experimentou a escravidão e a prisão,
faz que não se obstine a impô-las aos outros.

Providencia dirigentes sábios
que o guiem a reconhecer no outro
não um inimigo a ser erradicado e aniquilado,
mas um inimigo a ser encontrado
para que se quebre a cadeia do ódio.

Deus da Paz, faz com que o vosso povo
manifeste o vosso rosto misericordioso
e a vossa sabedoria a toda a humanidade,
não porque seja forçado a fazê-lo pelos poderosos
que escolhem a paz ou a guerra
conforme as próprias conveniências,
mas como resposta gratuita
às experiências de dor vividas na história
e em virtude da libertação que lhes deste.

F. Masut, in Avvenire

Nascer do sol sobre a Cidade de Gaza. A 23 de outubro de 2023, estima-se que cerca de 5000 palestinianos e 1.400 israelitas terão sido mortos, depois de terroristas do Hamas terem lançado um ataque contra Israel a partir da Faixa de Gaza, a 7 de outubro. A escalada da violência continua. Foto EPA/MOHAMMED SABER.